



**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

**CARLOS EDUARDO BORGES**

**IGREJAS PRESBITERIANAS EM CAMPINAS: CARACTERÍSTICAS  
DE CRESCIMENTO E DECLÍNIO**

São Paulo  
2018



CARLOS EDUARDO BORGES

**IGREJAS PRESBITERIANAS EM CAMPINAS: CARACTERÍSTICAS  
DE CRESCIMENTO E DECLÍNIO**

Dissertação apresentada à Universidade  
Presbiteriana Mackenzie, como requisito  
parcial para a obtenção do título de Mestre em  
Ciência da Religião.

ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Suzana Ramos Coutinho

São Paulo  
2018



B732i Borges, Carlos Eduardo  
Igrejas presbiterianas em Campinas: características de  
crescimento e declínio / Carlos Eduardo Borges - 2018.  
95 f.: il.; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade  
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.  
Orientador: Profa. Dra. Suzana Ramos Coutinho  
Bibliografia: f. 90-93

1. Igreja Presbiteriana do Brasil 2. Campina (SP) 3. Crescimento  
de igreja 4. Declínio 5. I. Coutinho, Suzana Ramos, orientador  
II. Título

LC BX9042.B66

Bibliotecário Responsável: Eliezer Lírio dos Santos – CRB/8 6779



CARLOS EDUARDO BORGES

**IGREJAS PRESBITERIANAS EM CAMPINAS: CARACTERÍSTICAS  
DE CRESCIMENTO E DECLÍNIO**

Dissertação apresentada à Universidade  
Presbiteriana Mackenzie, como requisito  
parcial para a obtenção do título de Mestre em  
Ciência da Religião.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Suzana Ramos Coutinho - Orientadora  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Ricardo Bitun  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Breno Martins Campos  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Dedico a Deus que proveu os recursos e graciosamente me capacitou.  
À minha esposa que de forma paciente e amorosa apoiou esta jornada.  
Aos meus filhos que suportaram e foram capazes de compreender a  
ausência paterna.



## AGRADECIMENTOS

Ao Deus bondoso e misericordioso que derrama graça sem medida sobre a minha vida.

Aos meus pais que tanto se esforçaram pela minha formação e se preocuparam em forjar um caráter excelente.

A Dra. Suzana Ramos Coutinho que pacientemente apoiou a pesquisa e mostrou sensibilidade quando alguns caminhos pareciam obscuros.

Ao Conselho da Igreja Presbiteriana de Paulínia, apoiador desta caminhada, mostrando-se compreensível em diversas ocasiões em que seu pastor precisou se ausentar.

Ao marceneiro do velho banquinho que ainda tenho em casa, comprado em 1985. Mal sabia aquele homem que suas despreziosas palavras ficariam gravadas no coração de um menino: você vai ser doutor e o banquinho ainda estará lá.



*“... põe-se vinho novo em vasilha de couro nova; e ambos se conservam”.*

(Mateus 9.17)



## RESUMO

Esta pesquisa buscou investigar sociologicamente o entendimento das possíveis razões para a disparidade entre quatro igrejas presbiterianas na cidade de Campinas (SP), nos períodos entre 2010 e 2015. Tais igrejas são pertencentes à Igreja Presbiteriana do Brasil. A expressão “disparidade” é aqui utilizada observando-se a dissemelhança entre as quatro igrejas, o declínio do número de membros de duas delas e o crescimento do número de membros das outras duas. O aporte metodológico utilizado foram pesquisas bibliográficas com base em amplo levantamento teórico sobre os aspectos históricos e sociológicos que contribuíram para os processos de crescimento e decréscimo das quatro igrejas presbiterianas na cidade de Campinas. A investigação também se deu com base em pesquisa de campo, através de entrevistas com os pastores destas quatro igrejas. Utilizou-se também o levantamento de dados estatísticos destas e também da cidade de Campinas, objetivando localizar as razões que contribuíram na promoção do declínio, ou ainda, crescimento do número de membros. Investigou-se também o cenário da liderança de igrejas locais no âmbito da Igreja Presbiteriana do Brasil, bem como o processo de formação de pastores e presbíteros, considerando que estes dois grupos compõe a liderança primeira da denominação.

Palavras-Chave: Disparidade; Declínio; Crescimento de Igrejas; Igreja Presbiteriana do Brasil; Campinas.





## ABSTRACT

This research makes a sociological investigation to elucidate the possible reasons for the disparity between four Presbyterian churches in the city of Campinas (SP), between 2010 and 2015 such churches belong to the Presbyterian Church of Brazil. The term "disparity" is used here in view of the dissimilarity between the four churches, the decline in the number of members of two churches, and the growth of the number of members of the other two. The methodological contribution used was bibliographical research based on a broad theoretical study on the historical and sociological aspects that contributed to the growth and decreasing processes of the four Presbyterian churches in the city of Campinas. The research was also based on field research, through interviews with the pastors of these four churches. It was also used the statistical data collection of these churches, and also of the city of Campinas, with the purpose of locating the reasons that contributed in the promotion of the decline or the growth of the number of members. It was also investigated the scenario of leadership of local churches within the Presbyterian Church of Brazil, as well as the process of formation of pastors and elders, considering that these two groups make up the first leadership of the denomination.

Keywords: Disparity; Decrease; Church Growth; Presbyterian Church of Brazil; Campinas.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Diagrama Presbiterianismo em Campinas e Região.....	27
Figura 2: Mapa da Cidade de Campinas.....	29
Figura 3: Mapa do Crescimento urbano.....	33



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Tabela IBGE da Evolução da taxa de crescimento populacional.....	32
Gráfico 2: Densidade Demográfica (Habitantes/km <sup>2</sup> ) - 1980-2017.....	35
Gráfico 3: PIB (Em mil reais correntes) – 2002 – 2014.....	36
Gráfico 4: Participação de Campinas no PIB do Estado de São Paulo.....	36
Gráfico 5: População Residente por Religião .....	42
Gráfico 6: Gráfico de membresia.....	48
Gráfico 7: Gráfico de membresia.....	50
Gráfico 8: Gráfico de membresia.....	53
Gráfico 9: Gráfico de membresia.....	56
Gráfico 10: Gráfico comparativo das 4 igrejas.....	59
Gráfico 11: Gráfico da Estrutura da Igreja Local.....	64
Gráfico 12: Gráfico da Estrutura da Igreja Presbiteriana no Brasil.....	65



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Crescimento da população em números totais.....	35
Tabela 2: População residente por sexo e situação.....	37
Tabela 3: Índice de escolaridade em Campinas.....	38
Tabela 4: Membros de igreja evangélicas em 1952.....	40
Tabela 5: Tabela Comparativa de membresia.....	52



## LISTA DE FOTOS

Foto 1: Censo demográfico de 1940.....	41
Foto 2: Igreja Presbiteriana de Campinas.....	43
Foto 3: Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara.....	44
Foto 4: Igreja Presbiteriana Comunidade Viver.....	45
Foto 5: Igreja Presbiteriana Chácara Primavera.....	46



## SUMÁRIO

1. <b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
2. <b>A CHEGADA DA IGREJA PRESBITERIANA AO BRASIL</b> .....	19
2.1 A CHEGADA DA IGREJA PRESBITERIANA À CIDADE DE CAMPINAS .....	22
2.2 A CISÃO DE 1903 .....	25
3. <b>CONTEXTUALIZANDO CAMPO E OBJETO</b> .....	29
3.1 A CIDADE DE CAMPINAS .....	29
3.2 O CRESCIMENTO DA CIDADE DE CAMPINAS NAS ÚLTIMAS DÉCADAS .....	35
3.3 O PERFIL URBANO DA POPULAÇÃO DE CAMPINAS .....	38
3.3.1 <b>Trabalho e Rendimento</b> .....	38
3.3.2 <b>Educação</b> .....	39
3.4 O PERFIL RELIGIOSO DA POPULAÇÃO DE CAMPINAS .....	39
3.5 IGREJAS PRESBITERIANAS EM CAMPINAS: POSSÍVEIS RAZÕES PARA A DISPARIDADE .....	43
3.6 DADOS ESTATÍSTICOS DE QUATRO IGREJAS PRESBITERIANAS NA CIDADE DE CAMPINAS .....	47
4. <b>FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A EXISTÊNCIA DA DISPARIDADE</b> .....	62
4.1 A LIDERANÇA LOCAL DE IGREJAS PRESBITERIANAS .....	62
4.2 CATEGORIAS ANALÍTICAS DE LIDERANÇA .....	66
4.3 A FORMAÇÃO DE PASTORES NA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL .....	72
4.4 A FORMAÇÃO DE PRESBÍTEROS NA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL .....	77
4.5 CONFLITOS E DISPUTAS ENTRE PASTORES E PRESBÍTEROS COMO UMA DAS CAUSAS DE DECLÍNIO .....	80
4.6 A UNIDADE ENTRE PASTORES E PRESBÍTEROS COMO FATOR CONTRIBUIDOR PARA O CRESCIMENTO .....	83
5. <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	88



REFERÊNCIAS .....	92
ANEXO I.....	96
ANEXO II .....	97



## 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo encontrar possíveis fatores que tenham promovido a disparidade entre crescimento e declínio no número de membros de igrejas presbiterianas em Campinas. Tal investigação se faz relevante por causa de um período onde se fala com frequência sobre crescimento de igreja no âmbito da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) e, ao mesmo tempo, há uma preocupação das igrejas que apresentam decréscimo em sua membresia. Este tema surgiu mediante a experiência pastoral na Igreja Presbiteriana de Paulínia, a qual enfrentou uma cisão em 2003 e perdeu quase cinquenta por cento de sua membresia. Anos depois, tendo a crise sido superada, a experiência se fez importante a ponto de ser compartilhada em diversas igrejas e presbitérios da IPB de São Paulo, Espírito Santo, Paraná, Rio Grande do Sul, Seminário Presbiteriano do Sul em Campinas e Igrejas Presbiterianas Independentes, sendo que, em todos estes cenários, há uma preocupação com as respostas da igreja frente ao mundo contemporâneo, a manutenção e também o crescimento desta. A bibliografia que trata sobre o crescimento de igrejas é comum e farta, no entanto, há um número bem menor de referências bibliográficas que abordam o decréscimo de igrejas.

Deste modo, boa parte da coleta de dados foi realizada com base em bibliografias relacionadas ao tema, especialmente com base em dados estatísticos que contribuíram para o desenvolvimento do presente estudo.

Ao buscar possíveis fatores que tenham promovido tal disparidade entre crescimento e declínio em igrejas presbiterianas na cidade de Campinas, quatro igrejas foram escolhidas. São elas: Igreja Presbiteriana de Campinas, Igreja Presbiteriana Comunidade Viver, Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara e Igreja Presbiteriana Chácara Primavera, dentro do período 2010 a 2015. A abordagem em torno das duas primeiras se dará em função do declínio em sua membresia, enquanto que a abordagem em torno das outras duas se dará em função do crescimento no número de membros. O critério de escolha destas quatro igrejas deu-se em função de estarem todas na mesma cidade, e também da similaridade do perfil de cada uma delas, havendo resultados contrários, apesar de tal similaridade. Considerando que as igrejas Presbiteriana do Jardim Guanabara e Presbiteriana Comunidade Viver mantiveram uma estrutura de funcionamento convencional ou tradicional, onde os cultos seguem um roteiro litúrgico elaborado com alguma simplicidade e muita formalidade, continuando uma





experiência centenária no presbiterianismo brasileiro. Todavia, as realidades são opostas, embora elas tenham mantido um formato de funcionamento de igreja parecido, a primeira obteve crescimento em seu número de membros, enquanto a segunda viveu um declínio em sua membresia.

Por outro lado, o critério de escolha das outras duas - Igreja Presbiteriana de Campinas e a Igreja Presbiteriana Chácara Primavera - deu-se em função da tentativa destas em construir um formato de igreja contemporâneo, onde as estruturas se tornam mais informais, servindo como exemplo disto a predica pastoral ou a pregação do pastor durante o culto, onde a linguagem se apresenta com tom de informalidade e também de simplicidade, havendo ainda o uso de recursos tecnológicos que contribuam para aquele momento. Embora a Igreja Presbiteriana de Campinas seja uma igreja centenária, durante o período desta pesquisa, ela se propôs a inserir alguns aspectos que promovessem um ar de contemporaneidade, ocasião em que se observa a continuidade do declínio em seu número de membros. Por outro lado, a Igreja Presbiteriana Chácara Primavera, que não mediu esforços em sua busca pela contemporaneidade, servindo como exemplos a estrutura física da igreja, onde uma imagem externa do prédio será apresentada no terceiro capítulo desta pesquisa, e a transmissão de seu culto pela internet, dispondo de atendimento pastoral online. No entanto, de forma contrária a Igreja Presbiteriana de Campinas, a Igreja Presbiteriana Chácara Primavera obteve um crescimento em seu número de membros.

Esta pesquisa também abordará alguns fatores históricos, tanto da cidade de Campinas, como da chegada do presbiterianismo ao Brasil e, posteriormente em Campinas, objetivando contribuir em uma contextualização da Igreja Presbiteriana de Campinas e das demais igrejas objeto de estudo deste trabalho. Serão mencionados problemas como a febre amarela em Campinas no final do século XIX, e a cisão ocorrida na Igreja Presbiteriana Brasileira em 1903, fatores que exerceram forte influência nas primeiras décadas do presbiterianismo e, conseqüentemente, com a Igreja Presbiteriana de Campinas, levando em conta a sua ligação com o marco inicial do presbiterianismo na cidade, o que será apresentado no capítulo dois. Também será abordado o vínculo que todas as igrejas de Campinas e algumas da região, possuem com a Igreja Presbiteriana de Campinas, considerando que tais igrejas estão direta ou indiretamente ligadas a ela. As igrejas que estão ligadas diretamente são oriundas de trabalhos iniciados pela Igreja Presbiteriana de Campinas, podendo ser intituladas filhas, enquanto as que estão ligadas indiretamente, são oriundas das igrejas organizadas pela Igreja



de Campinas, podendo ser intituladas suas netas ou ainda bisnetas. É relevante observar esta igreja, pois, partindo do pressuposto que ela é o pilar central, é em torno dela que o presbiterianismo se enraíza em Campinas. Dentre as questões levantadas será apresentada a dificuldade da Igreja Presbiteriana de Campinas em seu vínculo com pastores, observando-se a contínua troca que começa a ocorrer a partir de 1990, especialmente entre 2010 a 2015.

Haverá ainda uma análise sobre a liderança da Igreja Presbiteriana do Brasil, observando pastores e presbíteros, os quais compõem a autoridade maior no contexto de uma igreja local. Será observado também o processo de formação de ambos, bem como a junção destes no campo<sup>1</sup> denominado conselho da igreja local. Para tal análise, nos capítulos três e quatro será usado com alguma frequência o Manual Presbiteriano, também denominado Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil, o qual serve como parâmetro das definições legais no âmbito da igreja, inclusive definindo os critérios para o estabelecimento da liderança. Contudo, é importante observar que tal Manual foi aprovado em 1950, ou seja, há sessenta e oito anos, período em que o contexto do país e, conseqüentemente da maioria das igrejas presbiterianas, era rural. De outra forma, sessenta e quatro anos depois, o cenário do país e das igrejas presbiterianas é, em sua maior parte, urbano.

Por fim, será abordada no último capítulo desta pesquisa a realidade dos conflitos no âmbito dos conselhos das igrejas, contribuindo para o declínio na membresia. No sentido contrário, será abordada a questão da unidade entre pastores e presbíteros enquanto fator que contribui ao crescimento do número de membros.

De forma direta, essa pesquisa realiza um estudo de campo em busca de dados que contribuam na elucidação da disparidade entre o crescimento e o declínio de membros em quatro igrejas presbiterianas em Campinas, o que possivelmente se apresente como amostragem para uma realidade mais ampla abrangendo outras igrejas na cidade ou mesmo fora desta. Os dados abordados contribuirão não somente na elucidação, mas também servirão de comparativo, contribuindo para possíveis conclusões.

---

<sup>1</sup> Termo usado por Pierre Bordieu (1992) para definir um espaço social abstrato, onde por vezes ocorrem disputas entre os agentes daquele campo.



## 2. A CHEGADA DA IGREJA PRESBITERIANA AO BRASIL

A primeira tentativa de implantação do presbiterianismo no Brasil foi feita pelos franceses que invadiram o Rio de Janeiro entre 1557 e 1558. A ideia destes era fundar uma colônia cujo nome seria França Antártica. O grupo era composto por católicos e huguenotes (protestantes da igreja reformada francesa). A colônia deveria caracterizar-se pela tolerância religiosa. Três pastores acompanhavam o grupo, objetivando dar assistência religiosa aos colonos e pregar o evangelho aos nativos. A invasão fracassou e eles foram expulsos em 1560.

A segunda tentativa foi realizada pelos holandeses, que invadiram o nordeste do Brasil. Em 1624, uma esquadra holandesa chegou a Salvador, na Bahia, onde permaneceu até março de 1625. Expulsos da Bahia, os holandeses se reorganizaram e invadiram Pernambuco e boa parte do nordeste brasileiro em 1630. Todavia, em 1654 eles foram expulsos do Brasil de forma definitiva, e as comunidades reformadas que eles implantaram no Nordeste desapareceram. Acerca disto, Mendonça afirma:

Tivesse, contudo, a conquista sido definitiva, é bem pouco provável que o Brasil permanecesse católico, ao menos uniformemente católico. A história tem mostrado que o conquistador quase sempre acaba impondo sua cultura e, com ela, o seu sistema religioso. (MENDONÇA, 1995, p. 39).

Houve ainda uma terceira tentativa de entrada do protestantismo no Brasil, mediante a invasão francesa no Maranhão. Ribeiro registra:

Em 1612, uma expedição chefiada por Daniel de la Touche, Senhor de la Revardiere e François de Railly e Aureles, desembarca no Brasil centenas de colonos, muitos huguenotes. Esta expedição constrói casas e igrejas e levanta o forte de São Luís, origem de São Luís do Maranhão. (RIBEIRO, 2014, p.111).

Após estes eventos, pode-se afirmar que o Brasil esteve com as suas portas fechadas para a entrada do protestantismo por mais de 150 anos. Ribeiro elucida esta realidade ao afirmar:

Com a vinda de D. Joao VI e da corte portuguesa, e dos tratados de Aliança e Amizade e Comércio e Navegação com a Inglaterra em 1810, a situação começou a melhorar. No tratado de Comércio e Navegação, assinado no Rio de Janeiro em 19 de fevereiro de 1810, artigo XII, era concedida aos súditos britânicos a plena liberdade de consciência e culto nos domínios e territórios portugueses, bem como liberdade religiosa “dentro de suas capelas” e “igrejas” desde que elas não tivessem aparência de templos nem usassem sinos, respeitassem a igreja católica e não fizessem prosélitos. (RIBEIRO, 2014, p. 111).



O tratado de comércio e navegação definiu padrões que aparentemente atravessaram os séculos: o catolicismo enquanto religião dominante recebeu o privilégio de construir seus templos a partir de um estilo arquitetônico culturalmente assimilado, o qual ajuda a identificar facilmente a estrutura enquanto templo religioso. Além disso, tais templos acabaram ganhando espaços centrais na realidade urbana. De forma contrária a isto, grande parte das igrejas protestantes não obteve o mesmo privilégio, sendo impedida inicialmente de apresentar uma estrutura arquitetônica parecida com o que havia na Europa ou mesmo nos Estados Unidos, deixando ainda de obter o privilégio da localização na formação e desenvolvimento das cidades brasileiras. Observa-se que este fato afetou a realidade protestante não somente em sua chegada ao Brasil, mas também posteriormente, tendo em vista que grande parte das igrejas denominadas históricas no Brasil não possui localização privilegiada em nossas cidades.

O início do presbiterianismo no Brasil se deu através do trabalho de missionários. O primeiro missionário presbiteriano foi Ashbel Green Simonton, que chegou ao Rio de Janeiro em 12 de agosto de 1859, estando ele com 26 anos de idade. Simonton era formado pelo Seminário Teológico de Princeton e ordenado pastor pelo presbitério de Carlisle. Pertencia a *Presbyterian Church in the United States of America* e foi enviado ao Brasil através da Junta de Missões Estrangeiras, mais conhecida pelos brasileiros como “Board de Nova York”. Mendonça comenta sobre as dificuldades de Simonton em terras brasileiras ao afirmar:

Simonton gastou seus três primeiros anos no Rio e em vários lugares na província de São Paulo enfrentando dificuldades do novo meio e da língua. Como os missionários anteriores, organizou a primeira igreja presbiteriana no Brasil com pouquíssimos membros, todos estrangeiros. Eram só dois adeptos, um americano e um português. Chegaram depois outros estrangeiros e, dois meses mais tarde, foi recebido o primeiro brasileiro, Serafim Pinto Ribeiro. (MENDONÇA, 1995, p. 47).

Ferreira expõe o diário de Simonton, a partir das próprias palavras deste, elucidando o início do trabalho presbiteriano realizado no Rio de Janeiro:

No dia 1º de Maio aluguei uma casa na rua Nova de Ouvidor no 31, e comecei a dar aulas duas vezes por semana, em inglês e português, como recurso para ter contato com os brasileiros, e assim poder trazê-los à classe bíblica no domingo. Essa classe, nós a tivemos pela primeira vez a 19 de maio às 3 horas da tarde. Foi com algum temor que esperei a hora. Havia dois presentes, e pareciam interessados. Comecei o estudo no evangelho de Mateus. No domingo seguinte havia três; no terceiro, mais; e no quarto, fiquei surpreso de ver a sala cheia de homens e mulheres. Era um quadro jubiloso ao ver tantos brasileiros ansiosos para receber instrução religiosa. À



vista do desejo de mais instrução, iniciei na quinta-feira última um culto semanal à noite, ao qual sete pessoas compareceram. É com profundo gozo e gratidão que vejo abrirem-se as portas à minha pregação do evangelho. (FERREIRA, 1992, p. 26)

Simonton alugou uma casa e começou ali o trabalho aguardando que as pessoas viessem, visto que estava limitado a tal tipo de ação mediante as regras impostas pela religião dominante. No entanto, olhando para boa parte do protestantismo na atualidade, considerando em especial as igrejas históricas e reformadas, observa-se o uso de estratégias semelhantes de proselitismo quase um século e meio depois, aguardando as pessoas virem às reuniões e cultos, desconsiderando o fato de possuírem agora plena liberdade para a atividade de culto. Por ocasião dos primeiros passos da organização do presbiterianismo, Simonton passou a receber o apoio de dois novos missionários que haviam chegado: Rev. Alexander L. Blackford, casado com a irmã de Simonton, os quais chegaram em 1860 e o rev. F. J. C. Schneider, que chegou em 1861. A missão estabeleceu sua sede no Rio de Janeiro, mas os missionários viajavam por todo o Brasil procurando conhecer o país e, ao mesmo tempo, pregando a fé protestante.

É significativo considerar que Simonton tenha se preocupado em aprender o português, começando logo a pregar neste idioma. Possivelmente este fato tenha contribuído para um crescimento relativamente rápido do presbiterianismo.

Os missionários consideravam que uma igreja estava organizada a partir do dia do batismo dos primeiros convertidos (este conceito mudou posteriormente quando, em um segundo momento, a organização passou a ocorrer a partir da eleição de seus primeiros oficiais).<sup>2</sup> Logo, a primeira igreja organizada foi a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, hoje conhecida como Catedral Presbiteriana, organizada em 12 de janeiro de 1862, quando foram batizados os dois primeiros convertidos. Dentro da mesma perspectiva, a Igreja Presbiteriana de São Paulo, no dia 05 de março de 1865, a Igreja Presbiteriana de Brotas, no interior de São Paulo (essa com 11 pessoas e todas brasileiras), no dia 13 de novembro de 1865, a Igreja Presbiteriana de Lorena, também no interior de São Paulo, no dia 17 de maio de 1868, e a Igreja Presbiteriana de Borda da Mata, interior de Minas Gerais, em 23 de maio de 1869.



Em 1865 foi organizado o primeiro presbitério<sup>3</sup> (Rio de Janeiro). Por ocasião da primeira reunião deste presbitério foi ordenado o primeiro pastor brasileiro, o ex-padre José Manoel da Conceição.

No dia 14 de janeiro de 1867 começou a funcionar o primeiro seminário, localizado no Rio de Janeiro, fundado para preparar pastores brasileiros. Ashbel Green Simonton faleceu em São Paulo, no dia 08 de dezembro de 1867, ainda muito jovem. Contudo, o trabalho de expansão do presbiterianismo continuou a partir da estrutura organizada até então.

## 2.1 A CHEGADA DA IGREJA PRESBITERIANA À CIDADE DE CAMPINAS

Durante os dez primeiros anos da presença do presbiterianismo no Brasil (1859-1868), todos os missionários foram enviados pela Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos. Porém, foi a partir de 1869 que chegaram os primeiros missionários da Igreja do Sul. Ressalta-se que, alguns anos após a chegada de Simonton ao Brasil, assim como seu trabalho missionário, estabeleceu-se a Guerra Civil Americana, também conhecida como Guerra de Secessão. O conflito ocorreu nos Estados Unidos da América de 1861 a 1865, colocando em lados opostos o sul e o norte do país.

Uma das causas principais da eclosão da Guerra Civil Americana foi a escravidão, considerando que havia drástica diferença na visão sobre o assunto entre os estados do norte e do sul. Não obstante, outros motivos vieram à tona tais como: o exacerbado nacionalismo do sul e tarifas interestaduais que encareciam produtos industrializados. Talvez, o maior fator promotor da guerra, tenha sido a eleição de Abraham Lincoln, republicano, que era declaradamente favorável à libertação dos escravos no sul.

A guerra influenciou diversos âmbitos da vida do país, chegando a influenciar também o cenário religioso americano, dividindo denominações, dentre estas o próprio presbiterianismo americano. Logo, surgiu em 1861 a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUS), ficando conhecida como igreja do Sul, não tardando para que esta organizasse uma agência

---

<sup>2</sup> A Igreja Presbiteriana do Brasil denomina oficiais seus presbíteros e diáconos, os quais em conformidade com o Novo Testamento são eleitos pela congregação.

<sup>3</sup> Um presbitério é composto por um conjunto de Igrejas Presbiterianas em um estado, cidade ou região.



missionária voltada para o exterior. Essa comissão recebeu o nome de Comitê de Missões Estrangeiras, ficando sediada em Nashville, no Tennessee.

Após a guerra civil, com a vinda de imigrantes americanos sulistas para o Brasil, o Comitê de Missões Estrangeiras interessou-se em implantar uma missão no país, escolhendo então a cidade de Campinas, pelo fato de estar próxima a principal colônia norte americana em Santa Barbara d'Oeste (hoje aos municípios de Americana e Santa Barbara d'Oeste).

Matos afirma: “Em 1869, dez anos após a vinda de Simonton, chegaram os primeiros missionários do Comitê de Nashville, Edward Lane e George N.” Morton. (MATOS, 2014, p. 14). George Morton e Edward Lane chegaram ao Brasil na cidade do Rio de Janeiro em 17 de agosto de 1869, e em setembro do mesmo ano à cidade de Campinas. Logo após a chegada os obreiros começaram uma escola. Matos relata:

Além de pastor e evangelista, o Rev. Morton possuía grande cultura e foi um notável educador. No seu primeiro ano em Campinas, ele e Lane iniciaram uma escola noturna que chegou a ter quase trinta alunos. A ideia era ganhar conversos através da educação. Logo, os missionários conceberam um projeto mais ambicioso: um educandário de alto nível, que ficou conhecido como Colégio Internacional ou Instituto de Campinas. (MATOS, 2014, p. 172).

Em 10 julho de 1870 Morton e Lane fundaram a Igreja Presbiteriana de Campinas, sendo os primeiros conversos um pedreiro negro e sua esposa. No entanto, não há registros de nomes dos primeiros conversos. Ferreira elucida: “Não sabemos dos nomes dos primeiros crentes de Campinas, nem a data certa em que foram recebidos.” (FERREIRA, 1952, p.78)

Pouco tempo depois, em 13 de janeiro de 1872 foi organizado em Campinas o presbitério de São Paulo. Matos registra:

Em 13 de janeiro de 1872, os Revs. Lane, Morton, James Baird, William Emerson e os presbíteros William P. McFadden e James McFadden Gaston, organizaram em Campinas o presbitério de São Paulo. O novo presbitério, composto de apenas duas igrejas, Santa Bárbara e Campinas, ficou filiado ao Sínodo<sup>3</sup> da Virgínia. Mais tarde foi arrolada a igreja da Penha (Itapira). Esse presbitério foi extinto em 1877, ressurgindo dez anos depois como Presbitério de Campinas e Oeste de Minas. (MATOS, 2014, p.178)

---

<sup>3</sup> Sínodo é a assembleia de ministros (pastores) e presbíteros que representam os presbitérios de uma determinada região.



A escola fundada por Morton e Lane ganhou o nome de Colégio Internacional, o qual foi iniciado formalmente em 1873. O colégio obteve grande sucesso em Campinas chegando a ter quase duzentos alunos, muitos deles de famílias ilustres da região.

Em 11 de agosto de 1878, Lane teve a satisfação de inaugurar o templo da Igreja Presbiteriana de Campinas, o segundo templo Presbiteriano do Brasil (o primeiro foi o templo Presbiteriano do Rio de Janeiro, hoje conhecido como Catedral Presbiteriana), o qual foi construído à Rua Lusitana, local onde funciona hoje a Igreja Presbiteriana Independente de Campinas. Ferreira afirma:

Em 1878 inaugurou-se o templo presbiteriano em Campinas. Ainda está de pé. No seu frontispício, por muitos anos, se conservou a data da inauguração que cheguei a ler. É sempre com profunda emoção que ali entro, sentindo os passos de Lane e Morton, de Chamberlain e Blackford, e de toda a plêiade presbiteriana do passado. Dos velhos templos é o que está de pé. Construído por Lane, que para a construção dele, bem como do Seminário fez montar uma olaria, é monumento digno de visita no centenário do presbiterianismo. Lá está em Campinas, à rua Luzitana. (FERREIRA, 1952, p.153)

Tal igreja logo alcançou uma dinâmica semanal bastante intensa apesar dos constantes desafios. Em uma de suas correspondências Lane registrou:

Igreja de Campinas: três sermões são pregados aos domingos, dois na língua portuguesa e um em inglês. A reunião semanal de oração, o concerto mensal e a Escola Dominical se mantêm. O estado espiritual da igreja não é muito bom, devido em parte às influências racionalistas e ateias que prevalecem na cidade, e também à falta de vigoroso trabalho pastoral entre o povo. (FERREIRA, 1952, p.117)

Lane ainda adquiriu uma chácara perto da cidade, que veio a ser parte do atual bairro do Jardim Guanabara. Neste bairro hoje funcionam o Seminário Presbiteriano do Sul, uma unidade da Universidade Presbiteriana Mackenzie Campus Campinas e também a Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara, organizada em 1959, a qual será um dos objetos de estudo desta pesquisa.

O presbiterianismo expandiu-se na região, o que resultou no nascimento de um novo presbitério. No dia 14 de abril de 1887 foi criado o Presbitério de Campinas e Oeste de Minas, constituído de apenas cinco igrejas: Campinas, Santa Bárbara, Itapira, Mogi Mirim e Itatiba. Ressalta-se que atualmente quatro destas cidades possuem diversas igrejas, destacando-se Campinas que possui dois presbitérios e Santa Bárbara compondo um presbitério.





Todavia, no final da década de 1880 começaram os surtos de febre amarela na região de Campinas, o que prejudicou o trabalho do colégio e das igrejas. A enfermidade causou a morte de diversos missionários, além de forçar a mudança do Colégio Internacional para a cidade de Lavras no Estado de Minas Gerais, onde veio a chamar-se Instituto Gammon.

Em 1891 o Sínodo havia decidido instalar o Seminário Presbiteriano do Sul na cidade de Campinas, utilizando-se das dependências do Colégio Internacional, havendo a perspectiva de iniciar as aulas em abril de 1892. No entanto, a febre amarela reapareceu. Matos destaca o fato mediante a enfermidade e morte de uma das principais figuras do presbiterianismo em Campinas:

Todavia, no início daquele ano a febre amarela reapareceu em Santos e logo alcançou Campinas. Lane insistiu que os demais obreiros fossem para outros lugares. Porém, ele e Charlotte Kemper permaneceram na cidade para cuidar dos enfermos e confortar os que estavam à morte. Em 18 de março, a missionária Kemper foi acometida pela febre; o Rev. Lane deu-lhe assistência até que ela se recuperasse. Então, no dia 22 ele mesmo ficou doente, vindo a falecer no dia 26 de março de 1892, as 13:30 horas. (MATOS, 2014, p.180)

Apesar da morte do Rev. Lane, a obra missionária continuou acontecendo em Campinas e nas cidades ao redor desta. É importante observar que a história da Igreja Presbiteriana em Campinas tem uma relação direta com instituições de ensino, passando primeiramente pelo Colégio Internacional e posteriormente pelo Seminário Presbiteriano do Sul. Contudo, as igrejas presbiterianas na cidade de Campinas não deram continuidade a esta prática.

## 2.2 A CISÃO DE 1903

Em 1903 a Igreja Presbiteriana de Campinas sofreu um grande impacto com uma cisão ocorrida no presbiterianismo brasileiro, a qual deu origem a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

Desde o final do século XIX havia discordâncias dentro do presbiterianismo, inicialmente nos Estados Unidos, especialmente por causa da escravidão, e depois no Brasil. As discordâncias no âmbito do presbiterianismo brasileiro ocorreram por algumas razões: Dentre elas, os



pastores brasileiros nem sempre estavam de acordo com o formato do trabalho dos missionários estrangeiros. Outro fator de discordância era a maçonaria<sup>4</sup>, visto que vários ministros, oficiais e membros das igrejas estavam filiados à ordem.

No dia 31 de julho de 1903, um grupo de sete pastores e onze presbíteros deixou a reunião do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, liderados pelo Rev. Eduardo Carlos Pereira, para fundar a Igreja Presbiteriana Independente Brasileira. Ferreira cita o discurso de despedida do Rev. Eduardo junto ao sínodo:

Irmãos missionários, permiti-me dirigir-vos cordial despedida. Procurei, nas bases apresentadas pelo Dr. Chester e Dr. Ellinwood, um plano de cooperação entre os missionários e os nacionais. Vós o não quisestes, creio que errastes; o futuro, o dirá. E vós meus patrícios, reagi quanto pude em favor do vosso prestígio moral, nada consegui. A Maçonaria cavou um abismo entre nós e vós.” (FERREIRA, 1952, p. 417)

No dia primeiro de agosto de 1903 organizaram oficialmente o presbitério independente. Neste período, e por conta da cisão, a maioria dos membros que pertenciam a igreja de Campinas passou para a Igreja Presbiteriana Independente. O pastor titular da igreja desde 1894 era o Rev. Flamínio Rodrigues, que por razões pessoais, na ocasião do cisma estava em Descalvado, cidade a 150 quilômetros de Campinas. No entanto, o grupo dissidente foi acompanhado pelo Rev. Bento Ferraz, que estava na cidade, embora esse estivesse em situação irregular junto ao presbitério de Minas Gerais.

O Rev. Flamínio contestou na imprensa local e ao mesmo tempo convocou os que não fossem separatistas, havendo um remanescente de sete pessoas. Logo, o grupo remanescente passou a se reunir nas dependências do Colégio Internacional, então desocupado.

O Rev. Flamínio pastoreou a Igreja Presbiteriana de Campinas até 1904, sendo sucedido pelo Rev. Herculano Gouveia (1905 a 1908).

No pastorado do Rev. Zacarias de Miranda, ocorrido entre 1909 e 1912, foi adquirido o terreno na rua Bernardino de Campos, 792, e foi construído um salão de cultos, utilizado pela igreja até o ano de 1925. O templo neste mesmo endereço foi construído durante o pastorado

---

<sup>4</sup> A Maçonaria é uma sociedade discreta, onde suas ações são reservadas e interessam apenas àqueles que dela participam.



do Rev. Miguel Rizzo Jr. e começou a ser usado em 1925.<sup>5</sup> A partir de então o trabalho se desenvolveu a passos largos:

Do longo pastorado do Rev. José Borges dos Santos Jr. (1926-1941), anotamos aqui estes fatos: 1. Realizaram-se campanhas evangelísticas com pregadores como o ex-padre Gíóia Martins e os reverendos George Ridout, Motta Sobrinho e Valério Silva. 2. Houve expansão da obra com pontos de pregação ou trabalhos filiais em Jacuba, Bonfim, Asilo, Areião, Vila Almeida, a colônia de Hansenianos de Pirapitingui e Ponte Preta. 3. Foi feita a aquisição do terreno em que está o Edifício de Educação Religiosa, e foi construída a primeira etapa, a parte térrea, o que exigiu grande esforço de todos. (A Caminho do 1º Centenário da IPCAMP, edição especial comemoração de aniversário, 1993, ed. Igreja Presbiteriana de Campinas, p.4)

Entre 1944 e 1958 a igreja foi dirigida pelo Rev. Américo Justiniano Ribeiro. Neste período deu-se início ao boletim dominical, houve também a conclusão da construção do Edifício de Educação Religiosa (1948), foram realizados trabalhos envolvendo homens, senhoras e também jovens. A revista sobre o primeiro centenário ressalta:

Houve grande ênfase na evangelização, ressaltando-se os trabalhos da “Sociedade de Evangelização” e a “Banda Evangelizadora” criada por David Battaglin, e houve numerosas conferências. (A Caminho do 1º Centenário da IPCAMP, edição especial comemoração de aniversário, 1993, ed. Igreja Presbiteriana de Campinas, p.4)

E ainda:

À lista de pontos de pregação ou trabalhos filiais dada acima, acrescentam-se Pau d’Alho (fazenda), Bosque, Seminário, Joaquim Egídio, Novo Campos Elisios, Vila Prost de Souza e Itatiba. (A Caminho do 1º Centenário da IPCAMP, edição especial comemoração de aniversário, 1993, ed. Igreja Presbiteriana de Campinas, p.4)

No pastorado do Rev. Marcelino Pires Carvalho (1958 e 1959), o ponto marcante foi a organização da Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara. Esta surgiu no Seminário Presbiteriano, em sua então nova sede, à Av. Brasil, 1200. A transferência do Seminário para este prédio, ainda inacabado, se deu a 7 de setembro de 1949.<sup>6</sup>

A partir de então, começaram a surgir todas as igrejas existentes até a presente data na cidade de Campinas, algumas na região metropolitana ou ainda em cidades próximas conforme diagrama abaixo, apresentando a relação de todas essas igrejas a Igreja Presbiteriana de Campinas.

---

<sup>5</sup> Conforme foto do Anexo I

<sup>6</sup> A lista detalhada dos pastores que lideraram a Igreja Presbiteriana de Campinas entre 1903 a 2018 está disponível no Anexo II.



DIAGRAMA PRESBITERIANISMO EM CAMPINAS E REGIÃO

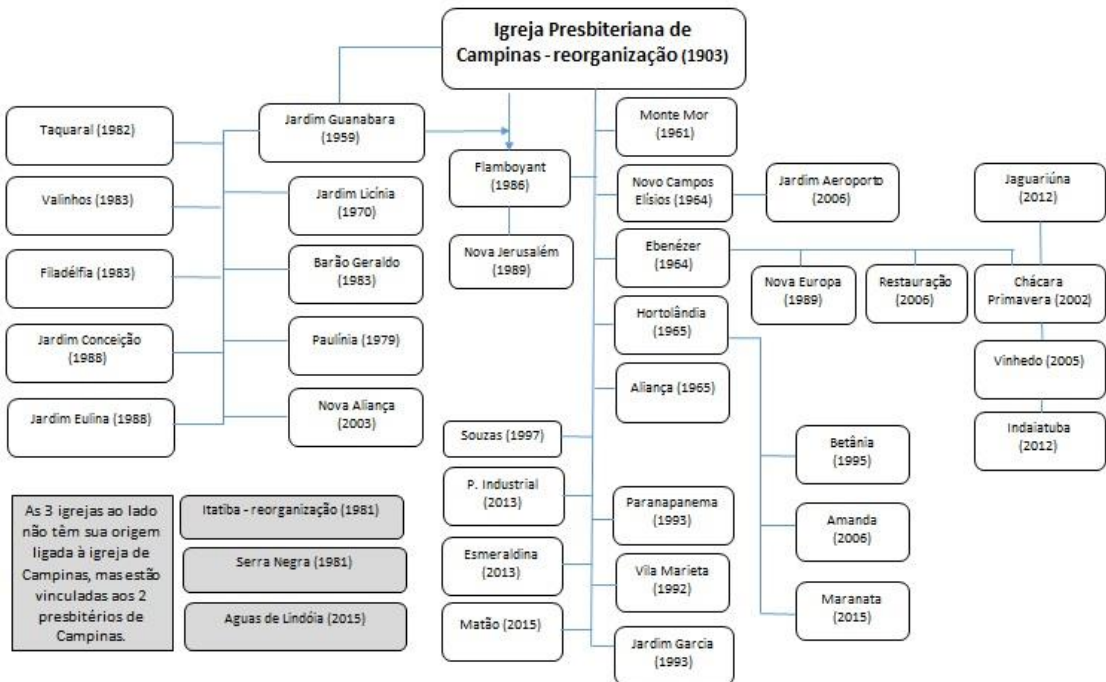
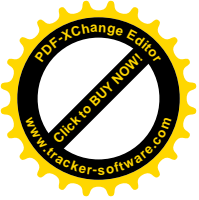


FIGURA 1: DIAGRAMA PRESBITERIANISMO EM CAMPINAS E REGIÃO

Fonte: Diagrama elaborado pelo autor a partir de dados públicos disponibilizados pelo Presbitério Metropolitano de Campinas e Presbitério de Campinas.



### 3. CONTEXTUALIZANDO CAMPO E OBJETO

Este capítulo objetiva apresentar o perfil das quatro igrejas presbiterianas em Campinas, alvos desta pesquisa, sendo elas Igreja Presbiteriana de Campinas, Igreja Presbiteriana Comunidade Viver, Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara e Igreja Presbiteriana Chácara Primavera. As razões que contribuiriam para a escolha destas quatro igrejas em Campinas já foram abordadas na introdução desta pesquisa.

Sendo assim, primeira metade deste terceiro capítulo aborda a história da cidade de Campinas, bem como dados estatísticos e numéricos desta, os quais ajudarão a construir a realidade contextual em que as igrejas pesquisadas estão inseridas. Em um primeiro momento será explanado o histórico do município, assim como o seu desenvolvimento ao longo dos anos, especialmente a partir da década de 1950. Será abordado ainda o perfil da cidade em alguns aspectos diversos, dentre eles o religioso, revelando presença maciça do catolicismo, enquanto consequência do processo de colonização do Brasil.

Objetiva-se ainda expor a realidade das quatro igrejas pesquisadas, são quatro realidades diferentes, havendo significativa disparidade entre elas, embora todas estejam dentro do mesmo município, pertençam à mesma denominação e tenham surgido a partir da Igreja Presbiteriana de Campinas.

Em resumo, pode-se afirmar que este capítulo objetiva apresentar dados que contribuam na contextualização da cidade, conforme já mencionado e, posteriormente elucidem o cenário das igrejas pesquisadas. Algumas análises em torno dos dados apresentados serão feitas no próximo capítulo desta pesquisa e, posteriormente, nas considerações finais.

#### 3.1 A CIDADE DE CAMPINAS

Campinas está localizada a 97 km da capital do estado, desempenhando hoje um papel importante no desenvolvimento do estado e também do país. A cidade possui uma área total de 796 Km<sup>2</sup>, destes, 388,9 Km<sup>2</sup> é composto por perímetro urbano e 407,5 Km<sup>2</sup> de área rural.

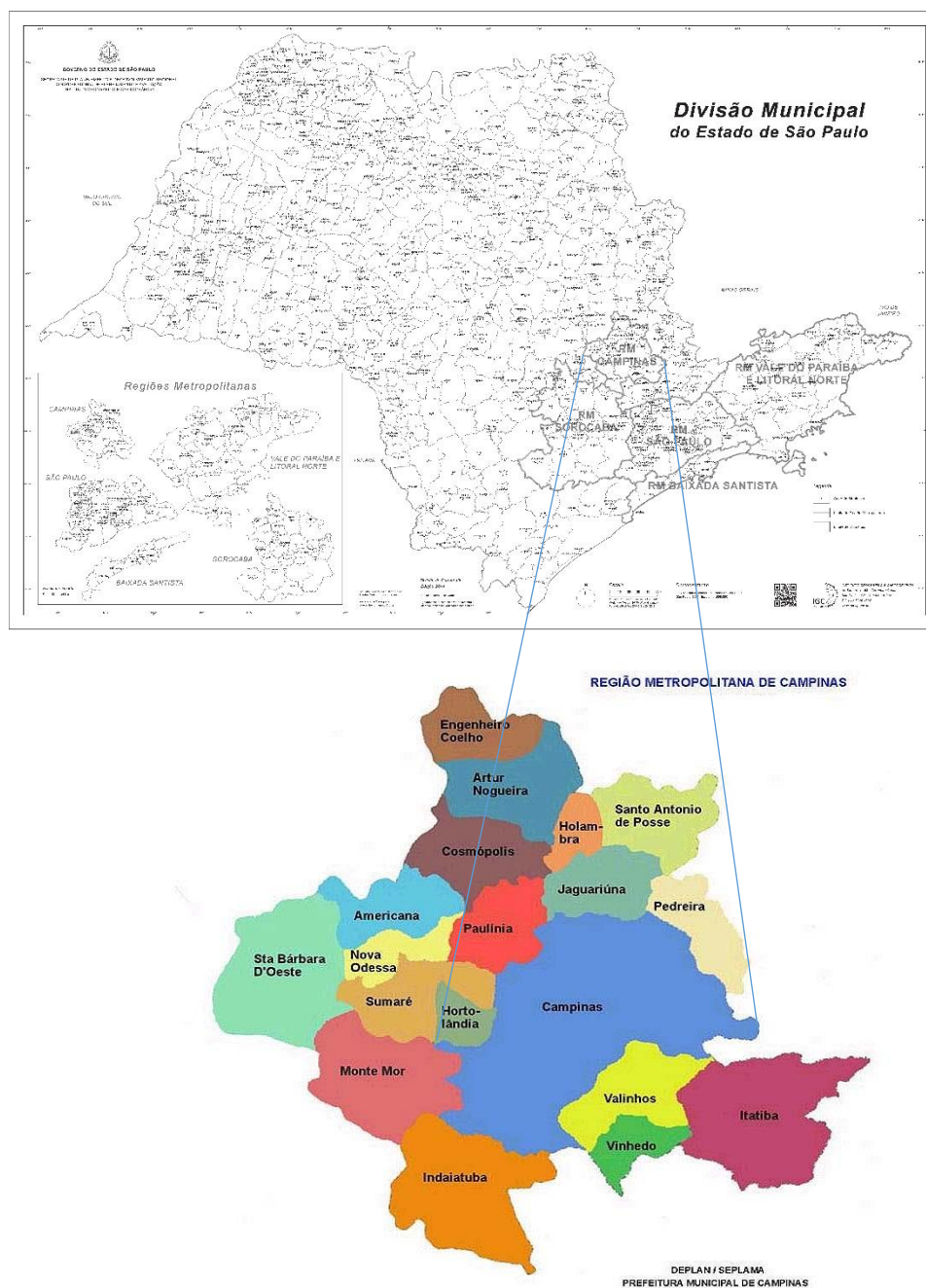


Figura 2: Mapa da Cidade de Campinas

Fonte: Disponível em <http://www.cidadao.sp.gov.br/link/?serv=668> e <http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/dados-do-municipio/rmc/>. Acesso em 13 de dezembro de 2017.

A cidade surgiu na primeira metade do século XVIII, contando hoje com pouco mais de 260 anos de história. No início, Campinas era um bairro rural da Vila de Jundiá, hoje cidade de Jundiá há 57 km da capital.



Localizada nas margens de uma trilha aberta por paulistas do Planalto de Piratininga entre 1721 e 1730, período do Brasil colonial. A povoação do então chamado “Bairro Rural do Mato Grosso” ocorreu mediante a chegada e alojamento de um pouso de tropeiros nas proximidades da “Estrada dos Goiaes”. O pouso, construído em meio a pequenos descampados, acabou por impulsionar o desenvolvimento de várias atividades de abastecimento, além de promover uma maior concentração populacional, chegando a reunir no então bairro rural, um grupo de 185 pessoas, número significativo mediante as populações dos bairros e cidades da época.

No mesmo período (segunda metade do século XVIII), ganhava forma também uma outra dinâmica econômica, política e social na região, associada à chegada de fazendeiros procedentes de Itu, Porto Feliz, Taubaté, entre outras. Estes fazendeiros buscavam terras para instalar lavouras de cana e engenhos de açúcar, utilizando-se para tanto de mão de obra escrava. De fato, foi por força e interesse destes fazendeiros, ou ainda, por interesse do Governo da Capitania de São Paulo, que o bairro rural do Mato Grosso se fez transformado em Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso (1774); depois, em Vila de São Carlos (1797), e em Cidade de Campinas (1842); período no qual as plantações de café já suplantavam as lavouras de cana e dominavam a paisagem da região. (Disponível em <http://www.campinas.sp.gov.br/sobre-campinas/campinas.php>. Acesso em 17 de outubro de 2017).

Entre os fundadores da cidade, Francisco Barreto Leme é a primeira e mais importante figura, tendo em vista seu esforço em favor do progresso do até então “povoado”. Registra a Monografia Histórica do Município de Campinas:

É verdade que o ilustre fundador habitava há muitos anos nas Campinas do Mato Grosso e procurou beneficiar a terra onde se estabelecera. Homem inteligente e empreendedor, formou com os seus o núcleo de moradores, ou melhor, o povoado; com eles solicitou a instituição da freguesia e, esta consentida, rogou ao governo o beneplácito oficial do seu serviço. (Monografia Histórica de Campinas, Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1952, p.29)

Trinta e três anos após a chegada de Barreto Leme, o pequeno bairro já havia se transformado em um povoado com trezentos e sessenta moradores. Neste período, era governador da Capitania de São Paulo d. Luíz Antonio de Souza Botelho Mourão, administrador, o qual achava-se incumbido especialmente de fundar povoações. Este nomeou Francisco Barreto Leme, fundador, administrador e diretor da nova povoação.



Em um curto período de tempo houve o desenvolvimento da cidade. Campinas passou a concentrar um grande número de trabalhadores, tanto escravos quanto livres, por causa do impulso gerado pelas plantações de café.

Também na segunda metade do século XVIII a cidade começou a trilhar uma rota de modernização dos seus meios de transporte, de produção e vida.

Já no século XIX multiplicou-se o número de fazendas abertas nas frondosas matas de Campinas. Era considerável o plantio e a produção de cana de açúcar, tornando o município famoso para essa cultura. A Monografia Histórica do Município de Campinas registra:

Em 1838 era tal a prosperidade da cultura da cana entre nós que, segundo o testemunho autorizado de um escritor, contavam-se já no município cerca de cem moagens ou engenhos. (Monografia Histórica de Campinas, Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952, pg. 233)

Embora a cana de açúcar tenha obtido tamanho avanço, foi o café que, posteriormente predominou no cenário agrícola em Campinas. Na realidade, a cidade deve o seu progresso e a sua riqueza à lavoura cafeeira. Amaral destaca:

Houve um tempo em que o café deste município destacava-se no mercado, mesmo no estrangeiro, com a denominação de Café-Campinas, pela superioridade que apresentava, não só quanto à qualidade, como, e principalmente, pelo beneficiamento. E essa distinção deveu-se aos ingentes esforços de uma associação de fazendeiros que aqui existiu sob o título "Clube da Lavoura". (AMARAL, 1927, p.36)

Anos mais tarde, a partir de 1930 houve crise na economia cafeeira e a cidade passou a assumir uma rota voltada para o segmento da indústria e serviço.

Logo, Campinas passou a concentrar uma população expressiva, constituída de migrantes e imigrantes, os quais vinham das mais diversas regiões e países do mundo. Tais pessoas chegavam à cidade atraídas pela instalação de fábricas, agroindústrias e estabelecimentos diversos.

Entre as décadas de 1930 e 1940, portanto, a cidade de Campinas passou a vivenciar um novo momento histórico, marcado pela migração e pela multiplicação de bairros nas proximidades das fábricas, dos estabelecimentos e das grandes rodovias em implantação - Via Anhanguera, (1948), Rodovia Bandeirantes (1979) e Rodovia Santos Dumont, (década de 1980). (Disponível em





<http://www.campinas.sp.gov.br/sobre-campinas/campinas.php>. Acesso em 17 de outubro de 2017).

Estes bairros surgiram sem infraestrutura urbana adequada, todavia, alcançaram melhores condições entre os anos 1950 a 1990, período em que Campinas teve um grande aumento em seu território e população, conforme indica tabela IBGE abaixo:

<b>ANO</b>	<b>TOTAL</b>	<b>TAXA DE CRESCIMENTO</b>
1940	129,94	
1950	152,547	1.62
1960	219,303	3.70
1970	375,864	5.54
1980	664,559	5.86
1991	847,595	2.24
2000	969,396	1.50
2010	1,080,113	1.09

**MUNICÍPIO DE CAMPINAS : Evolução da taxa de crescimento populacional (%/ano)**

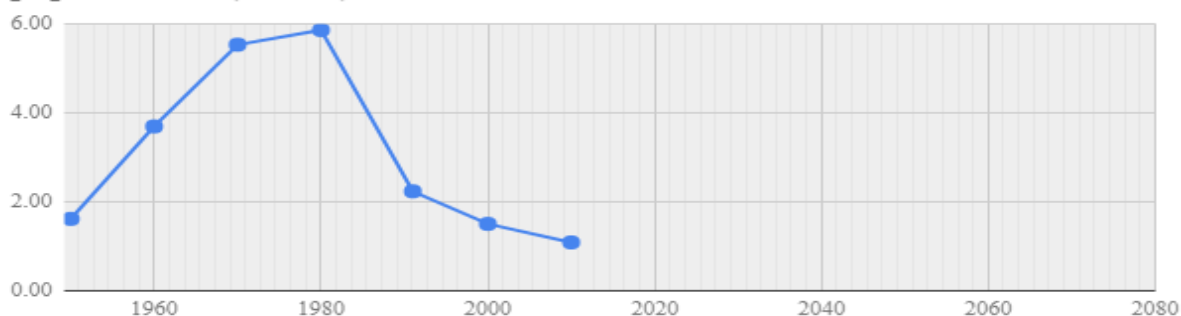


Gráfico 1: Tabela IBGE da Evolução da taxa de crescimento populacional.

Fonte: Disponível em

[http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/publicacoes/crescimento\\_populacional\\_todos\\_censos.php](http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/publicacoes/crescimento_populacional_todos_censos.php)

Acesso em 18 de outubro de 2017..

O mapa da Secretaria de Planejamento, Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente de Campinas explana o crescimento urbano entre os anos 1940 e 1990. Naturalmente a cidade teve um crescimento expressivo na região central na década de 40, o qual acabou contribuindo para um crescimento quase que centrípeto:

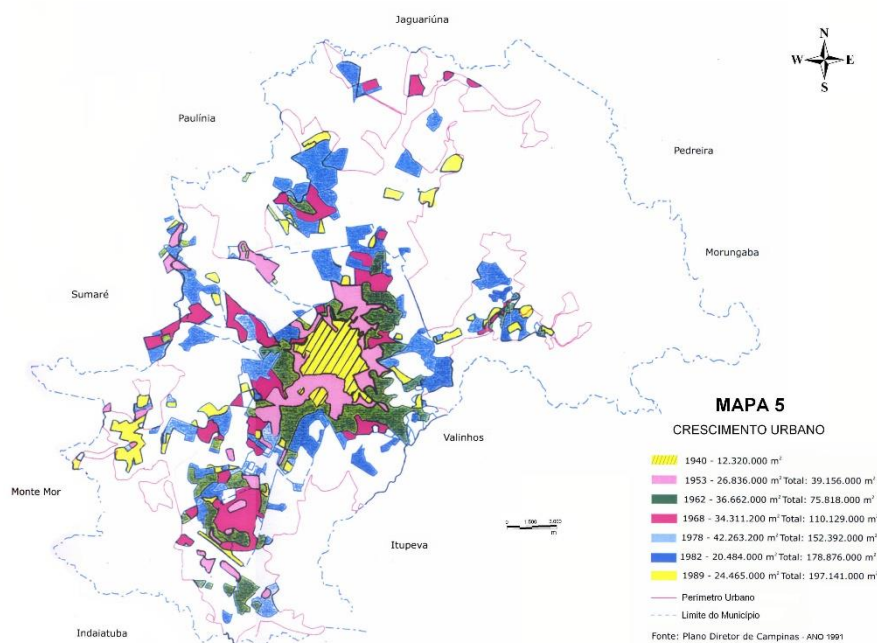


Figura 3: Crescimento urbano.

Fonte: Disponível em

<http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/publicacoes/planodiretor2006/mapas/mapa5.jpg> . Acesso em 17 de outubro de 2017

Observa-se que dentro deste mesmo período, 1940 a 1990, houve crescimento do presbiterianismo em Campinas, considerando o surgimento de 20 novas igrejas presbiterianas na região, sendo que 13 destas estão na cidade, visto que com o surgimento de novos bairros foram surgindo também novas igrejas, acompanhando o processo de crescimento do município. Dentro deste período também houve crescimento da Igreja Presbiteriana de Campinas, a qual chegou ao ano de 1990 possuindo 1140 membros em seu rol.

Campinas é hoje uma cidade em franco desenvolvimento e crescimento, ocupando uma área de 801 km<sup>2</sup>, uma população estimada de 1.182.429 habitantes, quatro distritos e centenas de bairros.



### 3.2 O CRESCIMENTO DA CIDADE DE CAMPINAS NAS ÚLTIMAS DÉCADAS

Campinas cresce de forma estrondosa desde a década de 1940. Atualmente a cidade está entre as quinze maiores do Brasil, segundo o IBGE. Segundo matéria do Jornal DCI, observando estudo do IBGE 2011, a população campineira cresceu proporcionalmente mais do que a capital do estado:

A população campineira cresceu proporcionalmente mais que a da capital: cresceu 0,7% o número de habitantes em Campinas, ou 8,5 mil pessoas, entre 2010 e 2011, e São Paulo o número de pessoas aumentou 0,5% no mesmo período. A cidade chegou a 1,088 milhão em 2011. Nesse ano, a população da cidade era de 1,080 milhão e, em 2000, 699 mil. As estimativas das populações residentes nos 5.565 municípios brasileiros valem para 1º de julho de 2011. Comparada com os 15 municípios mais populosos do Brasil, que abrigam 21% de toda a população nacional, Campinas ocupa o 14º lugar, sendo a cidade mais populosa São Paulo, com 11,3 milhões de pessoas. (Disponível em: <http://www.dci.com.br/cidades/populacao-de-campinas-esta-entre-as-15-maiores-do-brasil,-segundo-ibge-id265470.html> acesso em 24 de outubro de 2017).

Uma matéria da página da CBN reforça essa informação:

A Região Administrativa de Campinas é a que apresenta maior crescimento populacional dentro do Estado de São Paulo e vai seguir assim até 2050. Segundo pesquisa da Fundação Seade, em 40 anos a densidade demográfica em Campinas e nas cidades próximas deve aumentar 23%. Com isso, a população na área deve saltar de 2,8 milhões, registrados em 2010, para quase 3,5 milhões de habitantes em 40 anos. (Disponível em: <http://www.portalcbn Campinas.com.br/2017/04/regiao-de-campinas-tera-o-maior-crescimento-populacional-do-estado-ate-2050/>. Acesso em 30 de outubro de 2017).

O gráfico da fundação SEAD revela ainda o grande crescimento demográfico ocorrido entre 1980 e 2017 na cidade de Campinas, considerando que entre os anos de 2010 e 2015 havia uma média maior que 1200 habitantes por quilômetro quadrado:

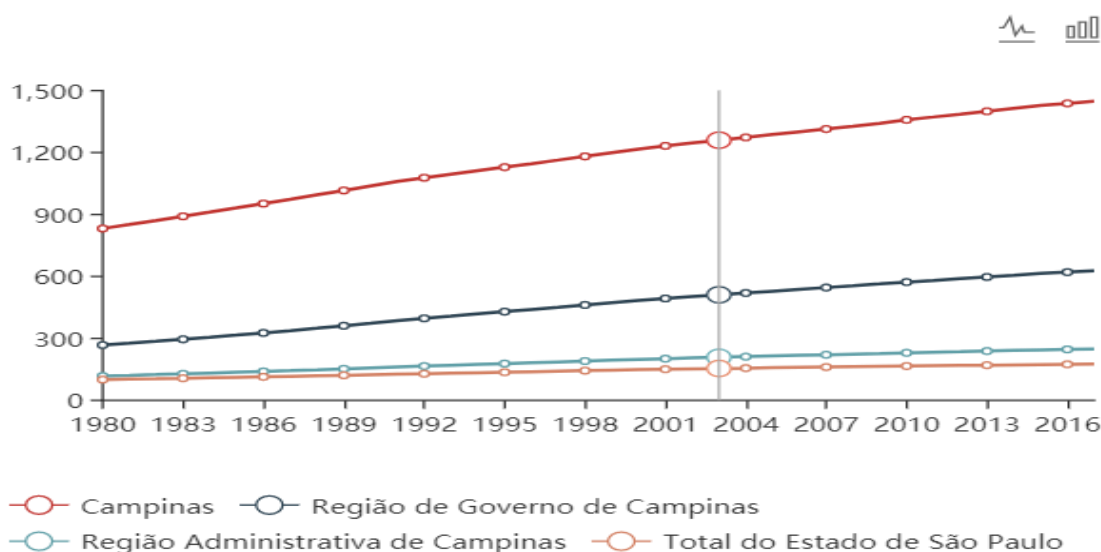


Gráfico 2: Densidade Demográfica (Habitantes/km<sup>2</sup>) - 1980-2017

Fonte: Disponível em: <http://www.perfil.seade.gov.br/>. Acesso em 06 de novembro de 2017

Os dados do IBGE também elucidam este crescimento em números totais entre 2011 e 2015:

	ano	pop.	Crescimento Percentual
<b>População estimada</b>	2011	1.088.611	
<b>População estimada</b>	2012	1.098.630	0,920347121
<b>População estimada</b>	2013	1.144.862	4,208150151
<b>População estimada</b>	2014	1.154.617	0,85206776
<b>População estimada</b>	2015	1.164.098	0,821138092

Tabela 1: Crescimento da população em números totais.

Fonte: [https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2015/estimativa\\_dou.shtm](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2015/estimativa_dou.shtm). Acesso em 06 de novembro de 2017.

Neste período houve também um crescimento do PIB de Campinas, cujo valor em 2010 foi de 38.195.022,24, chegando em 2014 a 57.673.308,99 conforme o gráfico abaixo, o qual estabelece comparativos junto ao PIB do Estado, do governo de Campinas e da Região Administrativa de Campinas:

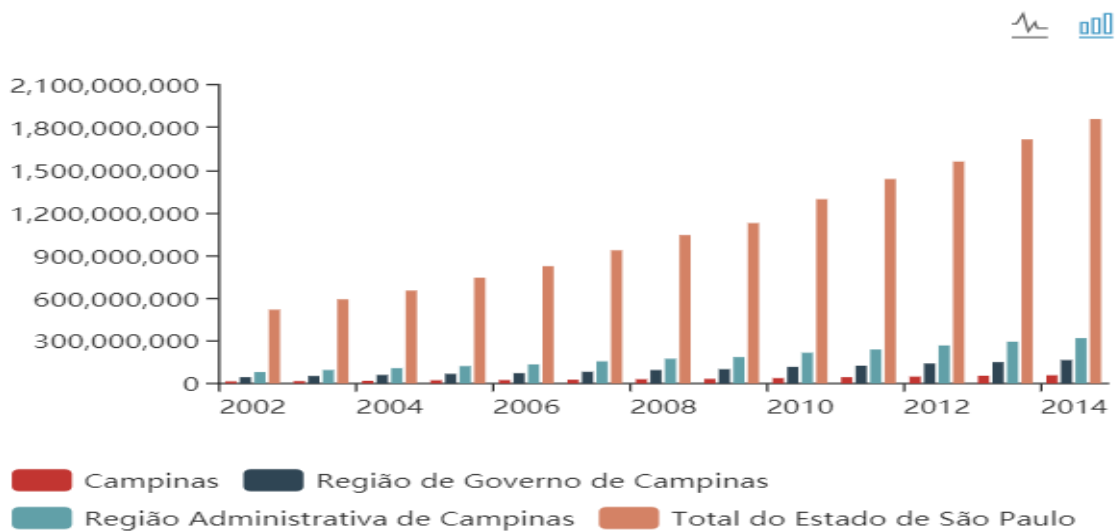


Gráfico 3: PIB (Em mil reais correntes) – 2002 - 2014

Fonte: Disponível em <http://www.perfil.seade.gov.br/>. Acesso em 13 de novembro de 2017.

Há de se considerar ainda o crescimento da participação de Campinas no PIB no Estado de São Paulo, o qual era de 2,95% em 2010, passando para 3,10% em 2014, conforme gráfico abaixo:

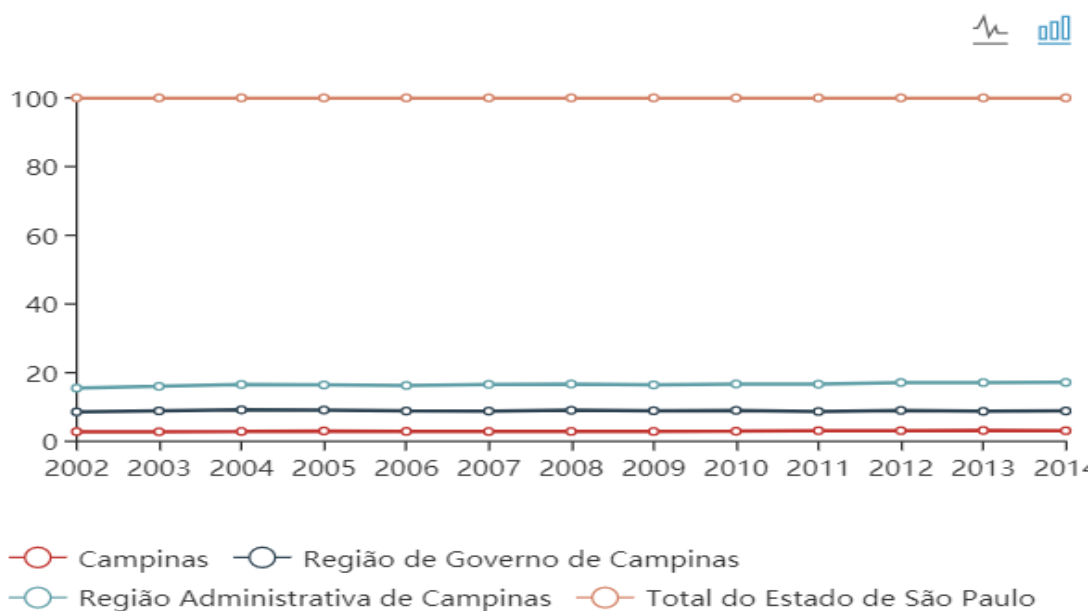


Gráfico 4: Participação de Campinas no PIB do Estado de São Paulo.

Fonte: Disponível em <http://www.perfil.seade.gov.br/>. Acesso em 13 de novembro de 2017.

Embora a cidade de Campinas tenha tido crescimento expressivo nas últimas décadas, destacando essa pesquisa os anos de 2011 a 2015, observa-se que o presbiterianismo não



manteve o mesmo crescimento recentemente, assim como possuía entre 1940 a 1990, visto que entre 1991 a 2000 foram organizadas 4 novas igrejas, enquanto de 2001 a 2015 foram organizadas 5 novas igrejas na cidade.

### 3.3 O PERFIL URBANO DA POPULAÇÃO DE CAMPINAS

Juntamente com o grande crescimento vivido pela cidade de Campinas, houve também uma mudança no perfil da população a partir de 1950, o que acaba por promover influência em dados recentes.

Um dos fatores que merece destaque inicial é migração da zona rural da cidade para a área urbana. Em 1980 os moradores da zona rural compunham um percentual de quase 11%, no entanto, em 2010 este número fica abaixo dos 2%, conforme dados do IBGE tabulados pelo setor de planejamento da Prefeitura Municipal de Campinas:

Ano	População total	% Masculina	% Feminina	% Rural	% Urbana
1950	152.547	49,37	50,63	29,97	70,03
1980	664.559	49,62	50,37	10,99	89,01
2000	969.386	48,71	51,29	1,67	98,33
2010	1.080.113	48,22	51,78	1,72	98,28

Tabela 2: População residente por sexo e situação

Fonte: Disponível em:

[http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/publicacoes/populacao\\_residente\\_porsexo\\_situacao.php](http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/publicacoes/populacao_residente_porsexo_situacao.php)

Acesso em 20 de novembro de 2017.

#### 3.3.1 Trabalho e Rendimento

Já o censo de 2015 revelou que o salário médio dos trabalhadores mensais na cidade era de 4,0 salários mínimos, sendo que o número de pessoal ocupado era de 476.759 pessoas, correspondendo a 41% da população.

Na comparação com outros municípios do estado, Campinas ocupava a posição 11 de 645 cidades, e na comparação com o país ocupa a posição 45 de 5570. (Disponível em



<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/campinas/panorama>. Acesso em 20 de novembro de 2017).

### 3.3.2 Educação

A taxa de escolarização de 6 a 14 anos em 2010 foi de 96%, e o número de matrículas no ensino médio chegou a 42.434 no ano de 2015. Os dados da Prefeitura de Campinas mostram também que o índice de escolaridade da população campinense é melhor do que o do estado de São Paulo, conforme dados da tabela abaixo:

<b>Educação</b>	<b>Ano</b>	<b>Município</b>	<b>Estado</b>
Taxa de Analfabetismo da população de 15 anos e mais (em %)	2000	4,99	6,64
Média de anos de estudo da população de 15 a 64 anos	2000	8,50	7,64
População de 25 anos e mais com menos de 8 anos de estudo (em %)	2000	46,31	55,55
População de 18 a 24 anos com Ensino Médio Completo	2000	42,56	41,88

Tabela 3: Índice de escolaridade em Campinas.

Fonte: Disponível em <http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/dados-do-municipio/cidade/> Acesso em 27 de novembro de 2017.

### 3.4 O PERFIL RELIGIOSO DA POPULAÇÃO DE CAMPINAS

O catolicismo está presente desde os primórdios de Campinas, visto que a formação desta passa pela mesma rota das demais cidades brasileiras, onde havia algumas poucas casas ou vilarejos, estando sempre presente uma capela enquanto símbolo da crença de seus moradores. Quércia Sobrinho registra:

Campinas não escapou à sorte das origens das vilas e das cidades brasileiras. Um grupo de casas e a sua poética e modesta ermida, consagram à Virgem Nossa Senhora da Conceição. Foi em derredor deste rústico padrão de fé que a povoação se desenvolveu e tornou-se o que hoje é, na pujança de sua grandeza material a cidade líder de nosso “hinterland” paulista. (SOBRINHO, 1952, p.359)

Quércia afirma ainda “Em derredor da capelinha, consagrada à Senhora da Conceição, é que se formou o seu espírito religioso. O primitivo povoado, berço da grande cidade atual, em breve passou a Paróquia, com o nome de Campinas (Campos Largos).” (SOBRINHO 1952, p.359)



É incontestável o elo entre a história da cidade com o catolicismo ao longo dos séculos desde o período colonial. Trata-se de algo tão significativo a considerar-se que a cidade de Campinas, assim como a maioria das cidades brasileiras, cresce em torno da tal capela que posteriormente é transformada em igreja, a qual ocupa o ponto central da metrópole até os dias de hoje.

Não obstante, ao longo da história, observa-se a influência deste catolicismo no âmbito social, orgulhando-se de possuir em seu bojo famílias que se distinguiram pela elevação de seus costumes e pelos sentimentos religiosos tais como: Campos Sales, General Glicério, Carlos Gomes e outros.

Diferentemente do catolicismo, as igrejas protestantes chegaram bem mais tarde à cidade. Ferreira afirma:

Os primeiros esforços para anunciar o Evangelho em Campinas foram realizados, à semelhança do que aconteceu em inúmeras outras cidades do Brasil, por missionários vindos dos Estados Unidos. Não podemos precisar com segurança a data da primeira visita realizada por esses pregadores adventícios, nem tão pouco quem teria sido o vanguardeiro do trabalho que se desenvolveria de maneira tão promissora. O Rev. Kidder em 1839, como agenda da Sociedade Bíblica Americana, e depois em 1855, o Rev Fletcher, visitaram Campinas. Há uma tradição de que este teria sido o primeiro a realizar culto evangélico nesta cidade. (FERREIRA, 1952, p.383)

Como já foi dito no segundo capítulo desta pesquisa, o presbiterianismo chegou à cidade de Campinas no século XIX, sendo organizada a primeira igreja em 1870. Já a Igreja Evangélica Luterana foi fundada em 1893, servindo a colonos alemães estabelecidos na cidade e arredores. Em 1903 surge a Igreja Presbiteriana Independente, resultado da cisma ocorrida dentro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Posteriormente, em 1907 instalou-se em Campinas a Primeira Igreja Batista de Campinas, edificada na região do centro. É importante observar que os Batistas se preocuparam em expandir o trabalho durante suas primeiras décadas de existência na cidade, desenvolvendo-se juntamente com ela. Um trabalho iniciado no bairro Cambuí desembocou na Segunda Igreja Batista, organizada em 1927. Posteriormente um novo trabalho organizou a Igreja Batista no bairro Guanabara, organizada oficialmente em 1945. Em 1914 organizou-se oficialmente a Igreja Metodista, embora já realizasse atividades na cidade há oito anos.





Desta forma, segundo a Monografia Histórica do Município de Campinas de Ferreira (1952, p. 388), o número de membros das várias igrejas evangélicas em 1952 era:

<b>Igreja</b>	<b>Membros</b>
Igreja Cristã Presbiteriana	415
Igreja Evangélica Luterana	130
Igreja Presbiteriana Independente	240
Igreja Batista (primeira)	165
Igreja Metodista	309
Igreja Batista (Cambuí)	96
Igreja Batista (Guanabara)	34

Tabela 4: Membros de Igrejas Evangélicas em 1952  
Fonte: As igrejas

Considerando que a população de Campinas, segundo IBGE, conforme citação feita no início deste capítulo era de 152.547 habitantes em 1950, o número de evangélicos era muito pequeno neste período, chegando a menos de 1% (0,91). Todavia, é pertinente observar que os presbiterianos chegaram primeiro que as demais denominações evangélicas à cidade de Campinas, considerando ainda que, no início da década de 1950, conforme indica a tabela acima, continha maior número de membros, os quais pertenciam a uma única igreja local, a Igreja Presbiteriana de Campinas, que sofrera forte impacto por causa de uma divisão em 1903, conforme já abordado nesta pesquisa. Apesar da cisão, tal igreja passou por um processo de reestruturação, adquirindo uma nova área, construindo um novo prédio, agregando novos membros, tornando-se então a maior igreja evangélica da cidade em 1952, período em que contava com 415 membros.

A presença católica neste período era maciça, considerando o histórico da cidade em torno do catolicismo, e ainda o fato de que, em 1940, o número de católicos compunha 95% da população brasileira conforme tabela do censo demográfico:



## CENSO DEMOGRÁFICO DE 1940

## DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO, SEGUNDO O SEXO E A RELIGIÃO

1º-IX-1940

ESPECIFICAÇÃO	HOMENS	MULHERES	TOTAL	% SOBRE O TOTAL
Católicos romanos .....	19 552 040	19 625 840	39 177 880	95,00
Protestantes .....	539 298	535 559	1 074 857	2,61
Ortodoxos .....	20 461	17 492	37 953	0,10
Israelitas .....	28 851	26 815	55 666	0,13
Maometanos .....	2 269	784	3 053	0,01
Budistas .....	66 544	56 809	123 353	0,30
Xintoístas .....	1 311	1 047	2 358	0,01
Espíritas .....	234 481	228 919	463 400	1,12
Positivistas .....	799	300	1 099	0,00
De outra religião .....	58 573	48 819	107 392	0,26
Sem religião .....	51 787	35 543	87 330	0,21
De religião não declarada ....	57 674	44 300	101 974	0,25
Total .....	20 614 088	20 622 227	41 236 315	100,00

Fonte: Recenseamento Geral do Brasil (1º de setembro de 1940) - Séria Nacional, Volume II - CENSO DEMOGRÁFICO, Rio de Janeiro, 1950, pág. 6.

Foto 1: Censo demográfico de 1940.

Fonte: Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv84322.pdf>. Acesso em 29 de novembro de 2017.

Campinas seguia os mesmos percentuais do número de católicos espalhados pelo Brasil. No entanto, ao longo de seis décadas, estes números sofreram uma grande alteração, observando-se um crescimento percentual muito elevado de evangélicos, os quais passam a estar distribuídos em inúmeras igrejas e denominações espalhadas por toda Campinas. O censo de 2010 revela um número de evangélicos percentualmente muito maior do que os apontamentos de 1952, visto que percentual de católicos é de 58%, maioria da população campineira, quanto o percentual de evangélicos chegou a 25%:

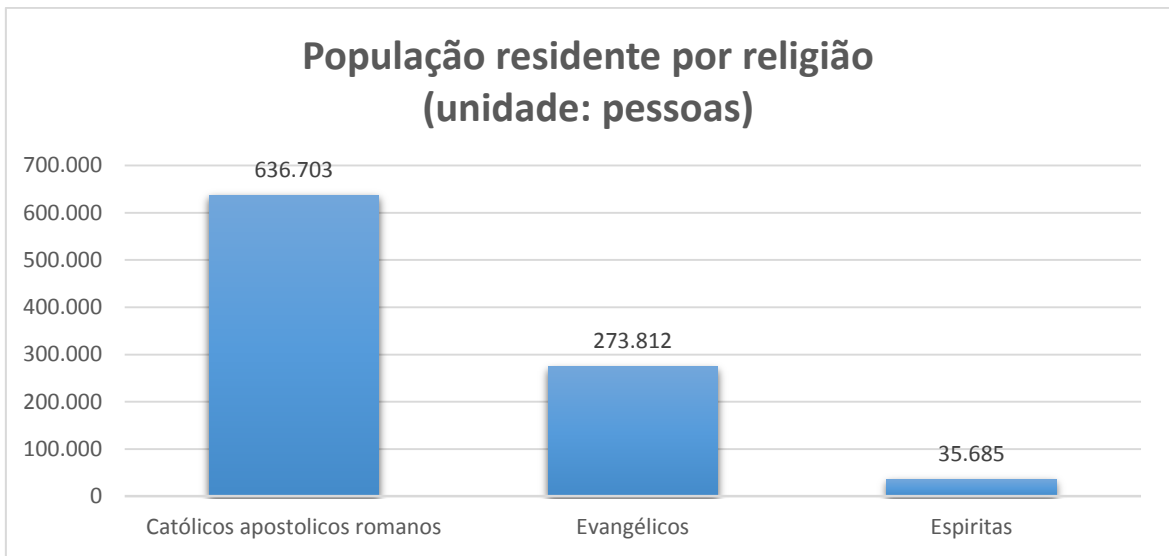


Gráfico 5: População residente por religião.  
Fonte: Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/campinas/panorama>. Acesso em 27 de novembro de 2017.

### 3.5 IGREJAS PRESBITERIANAS EM CAMPINAS: POSSÍVEIS RAZÕES PARA A DISPARIDADE

O objetivo agora é apresentar a disparidade entre quatro igrejas presbiterianas em Campinas, sendo elas: Igreja Presbiteriana de Campinas, Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara, Igreja Presbiteriana Comunidade Viver e a Igreja Presbiteriana Chácara Primavera. Desta forma, se faz importante definir a expressão disparidade, usando para tal a explicação do Dicionário Aurélio, que considera tal expressão como sinônima de dissemelhança ou desigualdade. Portanto, será apresentada de forma breve, a história de cada uma das quatro igrejas, além do contexto urbano onde estão inseridas. Posteriormente esta pesquisa mencionará o processo de crescimento numérico da membresia de duas, e o decréscimo numérico da membresia das outras duas, usando como recorte o período 2010 a 2015, apresentando também dados estatísticos, entrevistas e gráficos que elucidarão a compressão da denominada disparidade.

Embora o presbiterianismo tenha chegado a Campinas em 1870, se faz necessário observar que a cisão de 1903 foi um grande percalço para o desenvolvimento do seu trabalho em suas primeiras décadas na cidade, havendo um recomeço a partir de agosto de 1903. Desde então, a Igreja Presbiteriana de Campinas buscou reestruturar-se, retomando o crescimento em sua membresia nas décadas seguintes, conforme já mencionado neste mesmo capítulo. No entanto, o crescimento do presbiterianismo e, conseqüentemente, da Igreja Presbiteriana de

Campinas, acaba seguindo o crescimento expressivo de Campinas a partir de 1950, conforme gráfico apresentado no segundo capítulo deste trabalho demonstrando o número de igrejas organizadas na cidade, bem como na região.

Ao usar a expressão “disparidade” pretende-se apresentar a diferença e os possíveis contrastes entre as igrejas citadas, embora sejam todas elas presbiterianas e estejam em uma mesma cidade.

O histórico da Igreja Presbiteriana de Campinas encontra-se registrado no segundo capítulo desta pesquisa, sendo importante ressaltar que mediante a cisão de 1903 permaneceram apenas o pastor titular da igreja e sete membros, os quais passaram a se reunir nas dependências do Colégio Internacional, ocorrendo a primeira reunião em 09 de agosto do mesmo ano. A construção de um novo prédio deu-se somente no pastorado do Reverendo Miguel Rizzo, de 1917 a 1925. Este prédio foi edificado também na região central de Campinas à Rua Bernardino de Campos, em um local conhecido como Largo do Mercado, visto estar de frente para o Mercado Municipal.

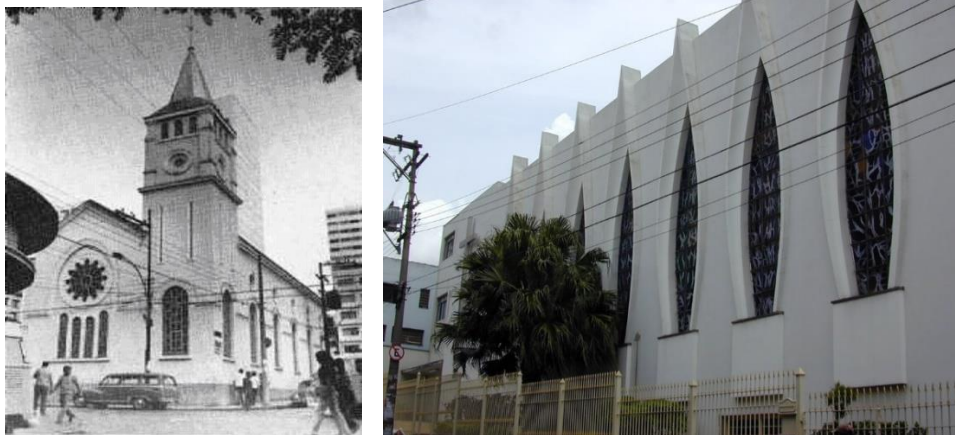


Foto 2: Fotos do templo da Igreja Presbiteriana de Campinas. A foto da esquerda mostra o antigo templo do largo do Mercado. Na foto da direita o templo atual.

Fonte: Google imagens

Posteriormente a igreja construiu um novo prédio, realizando a inauguração de seu novo templo em 09 de agosto de 1974. Desde então suas instalações encontram-se à Rua General Osório, na região central de Campinas, onde possui um local de culto bastante amplo que comporta pouco mais de 500 pessoas, além do edifício de educação cristã, que dispõe de diversas salas e um salão social. Ao redor desta área está o comércio da região central da cidade, além de dois terminais de ônibus e um hospital.



Já a Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara está localizada no bairro que dá o nome a igreja. Sua organização deu-se em 22 de fevereiro de 1959. Ela nasceu em 1949 nas instalações do Seminário Presbiteriano do Sul, o qual fica a algumas quadras da atual instalação da igreja. Esta comunidade nasceu bem estruturada, contendo em seu rol inicial pouco mais de vinte e duas famílias conforme registra Julio Andrade Ferreira em um livreto intitulado “Uma igreja nascente e crescente”, História da Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara. Desde 29 de setembro de 1968 a igreja funciona em instalação própria no mesmo bairro. Há de se destacar que a Igreja do Jardim Guanabara, assim como a Igreja Presbiteriana de Campinas, iniciou um grande número de congregações, das quais 13 foram organizadas como igrejas.

Embora o Jardim Guanabara tenha sido um bairro residencial durante décadas, tornou-se, nos últimos anos, uma região comercial onde estão instaladas diversas clínicas e consultórios médicos, escritórios, o próprio Seminário Presbiteriano do Sul e, atualmente, a Universidade Presbiteriana Mackenzie, campus Campinas.

O censo demográfico de 2000 registrou a presença de 41.579 habitantes para o conjunto de trinta e quatro bairros denominado pela prefeitura municipal de Campinas como AR 04, região que abrange o Jardim Guanabara. Já o censo de 2010 apontou redução do número de habitantes, chegando a 40.257, uma diminuição de 0,34%.

[http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/publicacoes/populacao\\_residente\\_a\\_r.php](http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/publicacoes/populacao_residente_a_r.php)



Foto 3: Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara  
Fonte: Google imagens



A Igreja Presbiteriana Comunidade Viver, anteriormente denominada Igreja Presbiteriana do Jardim Nova Europa, nasceu em 1983 no bairro do Jardim Nova Europa, sendo organizada em 1989 com cinquenta e três membros.

O bairro Jardim Nova Europa está situado à margem da Rodovia Anhanguera. Segundo o censo de 2010, o número de habitantes desta região era de 41.880.

([http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/publicacoes/populacao\\_residente\\_a\\_r.php](http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/publicacoes/populacao_residente_a_r.php)).

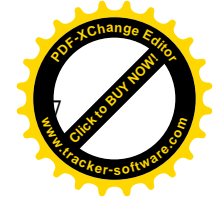
O bairro teve um crescimento de 11% entre os anos 2000 a 2010, surgindo um grande número de condomínios de apartamentos residenciais, inclusive nas proximidades das instalações da igreja.



Foto 4: Igreja Presbiteriana Comunidade Viver  
Fonte: Google imagens

A Igreja Presbiteriana Chácara Primavera possui a sua sede em prédio alugado no bairro Jardim das Paineiras. O trabalho iniciou-se em janeiro de 2001 onde esteve presente um grupo de aproximadamente quinze pessoas. Sua organização deu-se em março de 2004, onde já contava com aproximadamente 200 membros adultos. No histórico da igreja em seu site, o pastor Ricardo Agreste afirma:

Três anos mais tarde, com aproximadamente 300 pessoas em suas reuniões aos domingos, diversos grupos de estudos pela cidade e várias frentes de atuação como o Instituto Renovo e a Igreja Presbiteriana de Vinhedo, a Chácara Primavera foi organizada como igreja tendo a clara consciência de sua vocação histórica em ser um espaço no qual a vida com Jesus seja sempre apresentada de forma criativa, acolhedora e transformadora. (Disponível em <http://www.chacaraprimavera.org.br/quem-somos/historia>. Acesso em 04 de dezembro de 2017).



Diferentemente das demais igrejas presbiterianas na cidade de Campinas, a Igreja Chácara Primavera não se preocupou em adquirir instalações próprias, mas optou por alugar ambientes que pudessem comportar suas atividades, sendo um destes a sua atual sede no bairro Paineiras, uma região nobre em Campinas, próximo ao Shopping Iguatemi e a Rodovia Dom Pedro.

Outra característica importante é que desde o seu início essa igreja preocupou-se em investir em planejamento, estabelecer uma filosofia eclesial e ser uma igreja que viria apoiar projetos e organização de novas igrejas.



Foto 5: Igreja Presbiteriana Chácara Primavera  
Fonte: Google imagens

### 3.6 DADOS ESTATÍSTICOS DE QUATRO IGREJAS PRESBITERIANAS NA CIDADE DE CAMPINAS

Esta pesquisa tem também por objetivo analisar dados estatísticos quanto ao número de membros das quatro igrejas citadas anteriormente entre os anos 2010 a 2015 e as suas dissemelhanças, as quais são denominadas crescimento e declínio. Serão citados alguns dados de anos anteriores, não mencionados nos gráficos, objetivando auxiliar a contextualização.



Tais gráficos foram elaborados pelo autor a partir dos dados públicos disponibilizados pelos presbitérios das respectivas igrejas, a saber: Igreja Presbiteriana Comunidade Viver e Igreja Presbiteriana Chácara Primavera sob o Presbitério Metropolitano de Campinas; Igreja Presbiteriana de Campinas e Igreja Presbiteriana Chácara Primavera sob o Presbitério de Campinas.

Embora as quatro igrejas estejam situadas na cidade de Campinas, as suas realidades estatísticas entre os anos 2010 a 2015 revelam diferenças significativas entre elas, havendo por um lado o declínio das igrejas denominadas Igreja Presbiteriana de Campinas e Igreja Presbiteriana Comunidade Viver, e, por outro lado, o crescimento das igrejas denominadas Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara e Igreja Presbiteriana Chácara Primavera.

A Igreja Presbiteriana de Campinas possui uma grande oscilação em seu número de membros desde 1990, quando chegou a ter em seu rol 1140 pessoas. Apesar de ter vivido um processo de rompimento neste mesmo ano, quando o pastor que esteve à frente da igreja saiu depois de um período de 23 anos, ocasião em que alguns membros também saíram, esta comunidade ainda conseguiu manter estabilidade em sua membresia, a qual aumentou no ano de 1995 chegando a 1199. Todavia, dois anos depois, este número caiu para 849. Desde então, certas nuances continuaram ocorrendo, havendo poucos picos de crescimento e diversas quedas demonstrando decréscimo, sendo que a partir de 2004 as reduções se apresentam constantes, chegando a quedas significativas entre os anos 2012 a 2014. Em 2010 ela possuía 828 membros em seu rol, havendo uma redução de 4,81% no ano seguinte chegando a 790 membros. Em 2012 houve um aumento de 5,84% chegando a 839 membros. No entanto, no ano de 2013, houve uma redução de 22,12% referente ao ano anterior, chegando a 687 membros. No ano de 2014 houve uma redução maior que o ano anterior: 27,93% chegando a 537 membros ao final deste período.





	2010	2011	2012	2013	2014
<b>I.P. Campinas</b>	828	790	839	687	537

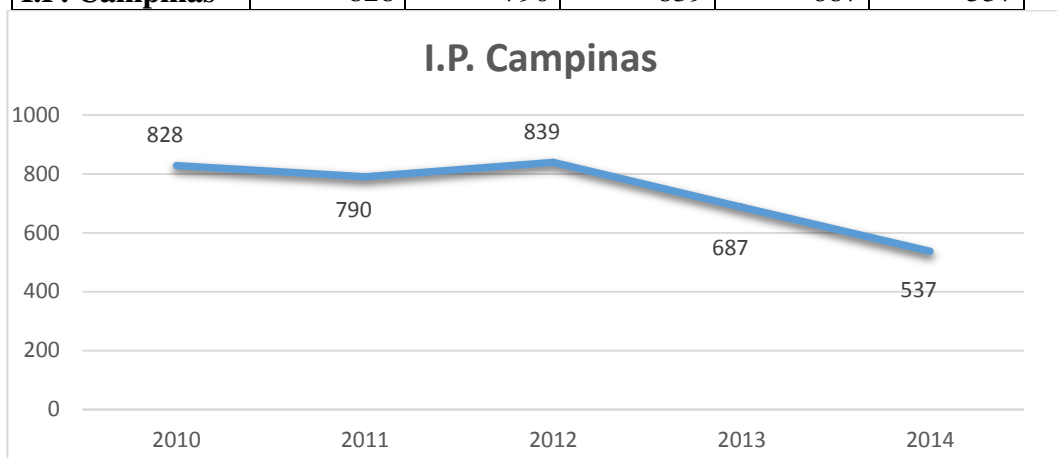


Gráfico 6: Gráfico de membresia  
Fonte: As igrejas

Um fato importante a ser observado na história desta igreja é a frequente mudança de pastorado a partir de 1990. A figura pastoral dentro da Igreja Presbiteriana é a maior referência em liderança no âmbito comunitário, podendo contribuir de forma expressiva para que pessoas sejam agregadas ou desagregadas de uma igreja. Entre os anos 1990 a 2015 a igreja mudou 9 vezes de pastor, sendo que quatro destas mudanças ocorreram entre 2010 e 2015. Pode-se supor que estas mudanças contribuíram de forma significativa no declínio da membresia a partir de 1990 e, conseqüentemente, entre os anos 2010 a 2015.

Em entrevista<sup>7</sup> com o atual pastor da Igreja Presbiteriana de Campinas, Carlos Eduardo Aranha Neto, alguns aspectos foram mencionados, os quais, na opinião dele, podem ter contribuído de forma severa para o processo de declínio.

O primeiro fator destacado na visão do pastor Carlos foi a diminuição da ênfase na abertura de novas congregações. Na Igreja Presbiteriana do Brasil entende-se por congregação uma comunidade que está sob a liderança da igreja, a qual está focando seus esforços para que a primeira também se torne igreja organizada, o que acaba por ocorrer quando tal comunidade denominada congregação consegue estabelecer uma liderança em conformidade com a Constituição da Igreja do Brasil, bem como evidenciar sua independência financeira:

<sup>7</sup> Conforme entrevista cedida pelo pastor Carlos Eduardo Aranha Neto no dia 30 de novembro de 2017, onde foi autorizada a identificação da identidade do informante.



Uma comunidade de cristãos poderá ser organizada em igreja, somente quando oferecer garantias de estabilidade, não só quanto ao número de crentes professos, mas também quanto aos recursos pecuniários indispensáveis à manutenção regular de seus encargos, inclusive as causas gerais, e disponha de pessoas aptas para cargos eletivos. (Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil, cap. II, Art 5º)

Para o Pastor Carlos, a expansão da igreja passa pelo trabalho de evangelização, sendo que o investimento em novas congregações contribui para tal. Ele considera ainda que a Igreja Presbiteriana de Campinas, em seus últimos anos, englobando naturalmente os anos 2010 a 2015, voltou-se mais para si mesma, deixando de considerar a possibilidade de iniciar novos trabalhos de evangelização pela cidade em conformidade com o modelo de congregações.

Na visão do pastor Carlos, o segundo fator que contribuiu para o declínio foi a tentativa de lideranças anteriores na implantação de algumas mudanças que acabaram estabelecendo conflitos entre os líderes, ou ainda entre líderes e membros. Houve tentativas de mudança no formato litúrgico dos cultos, no traje pastoral, deixando o uso do paletó e da gravata, nas chamadas sociedades internas da igreja<sup>8</sup>.

O pastor Carlos destacou ainda que as constantes mudanças de pastor na Igreja Presbiteriana de Campinas a partir de 1990, e, especialmente entre os anos 2010 a 2015, acabaram contribuindo para que diversos membros a deixassem, migrando para outras igrejas presbiterianas na cidade ou ainda para igrejas pertencentes a outras denominações religiosas. Segundo o pastor Carlos, houve ocasiões em que grupos de membros deixaram a Igreja, acompanhando pastores que saíram para outras igrejas presbiterianas na própria cidade de Campinas.

Assim, como a Igreja Presbiteriana de Campinas, a Igreja Presbiteriana Comunidade Viver possui uma grande oscilação em sua membresia desde 2004, quando possuía 290 membros, havendo um aumento de 7,93%, chegando em 2006 a 313 membros em seu rol. Entretanto, este número tem uma grande redução - 23,3% - chegando a 240 em 2010, com queda acentuada de 59,5% em 2013, quando chega a 97 membros conforme gráfico abaixo. No ano seguinte, há um aumento percentual significativo de 31% na membresia chegando a 127 membros.

---

<sup>8</sup> São Sociedades Internas da Igreja Presbiteriana do Brasil que congregam seus sócios sob critérios de sexo e idade, sob a supervisão, orientação e superintendência do Conselho da igreja local, com o qual se relacionarão por meio de um conselheiro.



	2010	2011	2012	2013	2014
<b>I.P. Comunidade Viver</b>	240	154	162	97	127



Gráfico 7: Gráfico de membresia  
Fonte: As igrejas

Há de se ressaltar a suposta influência da mudança de pastor neste processo de declínio na quantidade de membros. A Igreja Presbiteriana Comunidade Viver teve um pastor que liderou a igreja por 11 anos, 1998 a 2009, período em que chegou a ter 313 membros, conforme já mencionado.

Em entrevista<sup>9</sup> com o pastor Michael Fassheber, atual pastor da Igreja Presbiteriana Comunidade Viver, alguns aspectos foram mencionados, os quais, na opinião dele, podem ter contribuído para o processo de declínio na membresia entre os anos de 2010 a 2015.

Primeiramente o pastor Michael destacou o período de 1997 a 2008 como sendo um período importante para a vida da igreja, quando esteve sob a condução de um mesmo pastor. Neste período ocorreram obras de ampliação do prédio, incluindo a edificação do templo atual. Entretanto, ao final deste mesmo período, houve divergências na liderança, promovendo a saída de alguns membros.

<sup>9</sup> Conforme entrevista cedida pelo pastor Michael Fassheber Valim Cruz no dia 04 de dezembro de 2017, quando foi autorizada a identificação da identidade do informante.



Em 2009 um novo pastor assumiu a igreja permanecendo por apenas 6 meses, ficando a igreja sob os cuidados dos presbíteros e de um pastor designado pelo presbitério, o qual deveria estar presente uma vez por mês nos seis meses seguintes.

Em 2010 a igreja passou a contar com um novo pastor de tempo parcial. Dentro da Igreja Presbiteriana do Brasil é chamado pastor de tempo parcial o indivíduo que dedica parte do seu tempo às atividades da igreja e outra parte a uma atividade profissional. Logo, é possível supor a junção das mudanças de pastor e de uma atenção menor aos membros, em função do pouco tempo dispensado a estes, à queda no número de membros da igreja.

O pastor Michael destacou ainda a relação difícil no âmbito da liderança da igreja presbiteriana Comunidade Viver em que as divergências de ideias no conselho, a partir de 2008, contribuíram para o processo de declínio na membresia no período 2010 a 2015.

Por último, o pastor Michael destacou que um dos prováveis fatores no declínio da membresia foi a falta de visão da liderança da igreja e a única preocupação na administração de seus conflitos internos mediante o desenvolvimento do número de habitantes do bairro, assim como a revitalização da principal avenida deste, a Badden Powel, a qual fica a uma quadra da igreja, além de dois parques que também se encontram próximos.

Para quem caminha pelo bairro Jardim Nova Europa, especialmente pela referida avenida, é notório a transformação ocorrida nos últimos anos, tornando-se o canteiro desta um grande espaço para práticas esportivas, atraindo comércios de diversos segmentos a se instalarem a sua margem.

Em ambas as igrejas se observa a constante mudança de pastor a partir de constantes tentativas de alterar o rumo, ou ainda conter o decréscimo no número de membros. Contudo, há de se considerar que tais igrejas, aparentemente, não observaram as transformações da cidade, quanto ao seu desenvolvimento, o qual ocorreu ao redor de cada uma delas. Stetzer, em um estudo recente, analisou cerca de 1500 igrejas brasileiras e afirma:

Muitas igrejas enfrentam dificuldades para definir sua área de concentração. Sem saber sua vocação quanto ao lugar em que foram plantadas, tem dificuldade em permanecer fiéis ao seu real chamado. Sem um senso claro de propósito, elas nunca



estabelecem uma estratégia bem definida e vivem mudando o que fazem para cumprir aquilo que acreditam ser a vontade de Deus. Tais igrejas padecem em terras aparentemente sombrias enquanto o impulso para frente sempre parece estar um passo além do alcance. (STETZER. 2017, p.85).

Contraopondo-se às duas igrejas citadas acima, encontram-se então a Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara e a Igreja Presbiteriana Chácara Primavera, considerando que ambas apresentam um processo de crescimento em seu número de membros nos últimos anos, dentre os quais essa pesquisa destaca o período 2010 a 2015.

A Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara mantém um crescimento constante em seu histórico. Não se trata de um percentual de crescimento elevado anualmente, mas ele se apresenta constante conforme dados de anos anteriores ao recorte desta pesquisa:

	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>
<b>Número de membros</b>	841	871	891	915	945
<b>Crescimento percentual</b>		<b>3,567182</b>	<b>2,296211</b>	<b>2,693603</b>	<b>3,278689</b>

Tabela 5: Tabela comparativa de membresia  
Fonte: As igrejas

Em 2010 ela possuía 966 membros em seu rol, havendo um aumento de 7,66% no ano de 2011 chegando a 1040 membros. Em 2012 há um crescimento de 1,63% chegando a 1057 membros. Em 2013 ocorre um decréscimo de 6,05% em relação ao ano anterior, chegando a 993 membros. Todavia este decréscimo se deve a um fator que precisa ser observado atentamente: neste ano a Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara organizou a Igreja Presbiteriana do Jardim Eulina na cidade de Campinas, a qual até aquele momento estava na condição de congregação<sup>10</sup>. Nesta ocasião, a igreja do Jardim Guanabara removeu do seu rol de membros um grupo que passou a fazer parte do rol de membros da igreja do Jardim Eulina, a partir de então.

Em 2014 a igreja presbiteriana do Jardim Guanabara teve um crescimento de 2,81% sobre o ano anterior chegando então a 1021 membros.

---

<sup>10</sup> Na Igreja Presbiteriana do Brasil uma congregação refere-se a uma comunidade que não tem liderança própria, nem recursos financeiros para se auto sustentar, a qual é denominada não organizada, estando sob a responsabilidade de uma igreja denominada organizada.



	2010	2011	2012	2013	2014
<b>I P. Jardim Guanabara</b>	966	1040	1057	993	1021

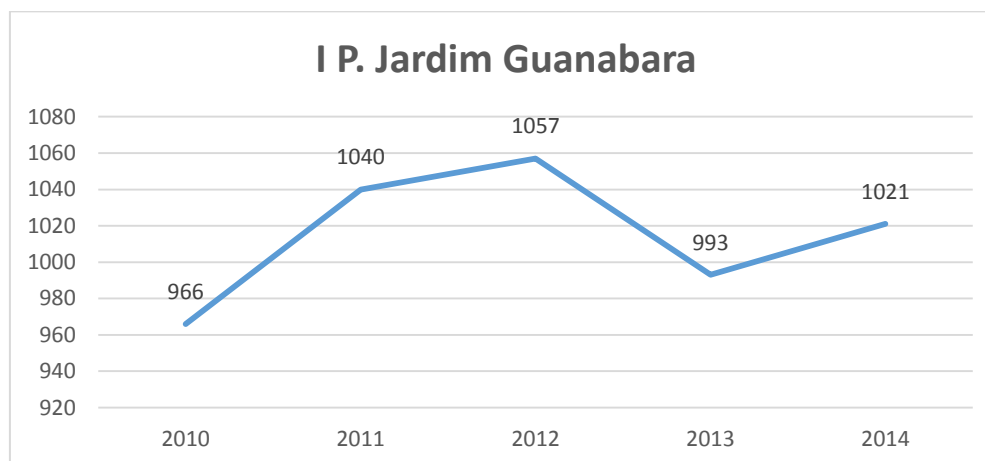


Gráfico 8: Gráfico de membresia  
Fonte: As igrejas

Em entrevista com o pastor da Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara<sup>11</sup>, Fernando Teixeira Arantes, alguns fatores foram ressaltados mediante o processo de crescimento da igreja: primeiramente destacou-se as relações interpessoais no âmbito da igreja, denominado pelo pastor Fernando como comunhão. Segundo ele, embora Campinas seja uma cidade grande e, como tal, acaba por estabelecer distanciamento nas relações interpessoais, a igreja é acolhedora com aqueles que a visitam, havendo também uma forte ligação entre os membros. Todavia, mesmo sendo acolhedora para com os visitantes, o pastor Fernando relatou que a liderança tem consciência da necessidade de melhorar o processo de assimilação destas pessoas, ou seja, as pessoas são bem recebidas, mas é necessário que a igreja se organize melhor para que haja um processo de integração mais eficiente.

Há de se destacar que durante a entrevista com o pastor Fernando tornou-se evidente a visão clara que, tanto ele quanto a liderança da comunidade possuem acerca da própria igreja, descrevendo cada detalhe da dinâmica comunitária com grande precisão de detalhes, as razões que promoveram fatos passados, bem como os rumos que desejam mediante o futuro.

Observa-se ainda que a igreja tem definido objetivos, os quais são chamados de estratégicos:

<sup>11</sup> Conforme entrevista cedida pelo pastor Fernando Teixeira Arantes no dia 14 de dezembro de 2017, quando foi autorizada a identificação da identidade do informante.



Objetivos Estratégicos-chave 1. Implantar o “Programa de aconselhamento de casais e jovens” com foco em vida profissional, relacionamento conjugal, namoro, casamento, fortalecimento matrimonial, problemas sociais e economia doméstica, aproveitando o conhecimento de profissionais membros da IPJG. Prazo: até o final de 2017. 2. Ter o “Ministério de Múltiplos e Transmissão Eletrônica” aperfeiçoado e ampliado, de forma planejada e integrada, abrangendo as diferentes formas de mensagem da Igreja como cultos, estudos bíblicos, ED, música, teatro e outras atividades. Prazo: até o final de 2017. 3. Plantar e emancipar uma nova Igreja filha a cada 5 anos, usando a variedade de ministérios e colegiado de líderes disponíveis, tornando evidente a importância do envolvimento de todos nos trabalhos de evangelização. Plantar duas novas igrejas até 2018. 4. Implantar “Dez Grupos Familiares de Estudo Bíblico e Comunhão”, com programação anual alinhada com o tema foco anual da IPJG. Prazo: até o final de 2017. 5. Implantar “Programa de Evangelização e Discipulado”, com todos os membros treinados para evangelismo pessoal. Prazo: 2 anos. 6. Eleger e sustentar, ou apoiar o sustento, de “15 campos missionários no Brasil”. Prazo: 3 anos. 7. Realizar “Um Mês de Impacto Evangelístico no Bairro”, anualmente, com a mobilização de toda a Igreja. Eleger um mês específico para isso. Usar como mote e terminar com um grande evento especial na IPJG. Todos os anos, a partir de 2017. (Disponível em <http://ipjg.org.br/boletim/IPJG%20-%20Objetivos%20Estrategicos.pdf> acesso em 19 de dezembro de 2017)

Um segundo fator de destaque que contribuiu para o crescimento da igreja, conforme a entrevista com o pastor Fernando, foi a área de educação cristã na igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara, com base nas atividades de sua escola bíblica dominical. Trata-se de uma atividade focada no ensino da Bíblia, onde a igreja se divide em classes por faixa etária ou assuntos de interesse nas manhãs de domingo. Logo, segundo o pastor Fernando, a educação cristã da igreja foi solidificada primeiramente mediante a forte contribuição e consequente legado da D. Alzira Valim, esposa do Reverendo Julio Andrade Ferreira, o qual pastoreou a igreja. Um segundo fator que contribuiu para a solidificação da educação cristã foi o investimento no trabalho com crianças, chegando-se a contratar pessoas para assumir esta responsabilidade.

Um terceiro fator que também contribuiu e continua contribuindo para o crescimento da igreja ressaltado pelo pastor Fernando, é um programa chamado “investigando o cristianismo”. Trata-se de uma proposta de sete encontros semanais onde se estuda quem é Jesus. Para esta atividade os membros da igreja convidam amigos e parentes que tenham interesse em saber algo sobre Jesus, os quais vão à igreja e participam de sete estudos bíblicos em torno do tema.

O pastor Fernando ressaltou também a importância de um trabalho de artesanato realizado semanalmente, o qual chega a receber um grupo aproximado de duzentas mulheres, dentre as quais a grande maioria não pertence à igreja, mas participa de um momento que antecede o trabalho onde a Bíblia também é pregada.



Mediante as considerações do pastor Fernando, além do que pode ser visto nas instalações da igreja, percebe-se ainda que Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara preocupa-se sempre em organizar suas estruturas internas, investindo em pessoas e até mesmo na estrutura física do prédio, e, ao mesmo tempo, usar essas estruturas para que se possa receber pessoas de fora da igreja, sendo a escola bíblica dominical e o artesanato dois exemplos disto.

Durante esta entrevista foi destacado a liturgia da igreja, a qual o pastor Fernando denomina como sendo tradicional, havendo alguns elementos contemporâneos. Durante as liturgias há a leitura da bíblia, orações, cantam-se também hinos tradicionais, dentre os quais muitos estão ligados à história da igreja e à visão da Reforma Protestante. Há também a inserção de canções mais novas, além da participação de coral.

O pastor Fernando e os demais pastores da igreja dedicam uma atenção especial na elaboração das liturgias, de maneira que haja nítida relação entre as partes. Para tal, usa-se como referência o chamado calendário litúrgico, o qual define as liturgias e pregações a partir das cerimônias, solenidades e festas apresentadas na Bíblia.

Já a Igreja Presbiteriana Chácara Primavera mantém um crescimento desde a sua organização em 2004. Em 2010 ela possuía 786 membros em seu rol, havendo um aumento de 6,53% no ano de 2011 chegando a 841 membros. Em 2012 há um crescimento de 18,34% chegando a 1030 membros. Em 2013 o crescimento percentual é de 15,57% sobre o ano anterior, chegando a 1220 membros. Em 2014 o crescimento percentual é de 21% sobre o ano anterior, chegando então a 1553 membros. Podendo-se concluir, dentro deste período, um crescimento médio anual de 15,36% em sua membresia.

	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>
<b>I P. Chácara Primavera</b>	786	841	1030	1220	1553



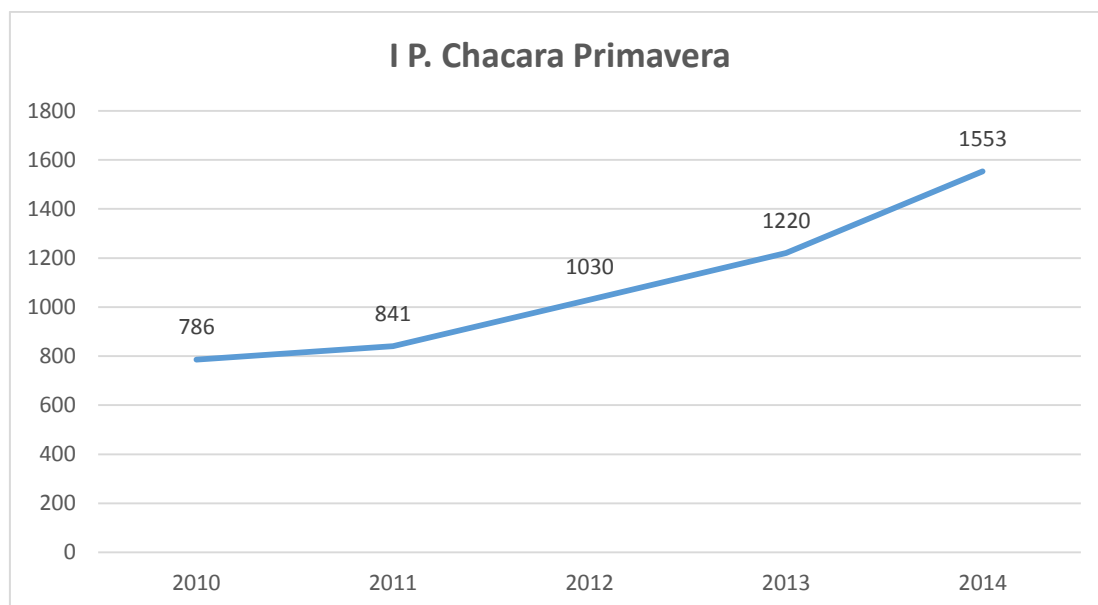


Gráfico 9: Gráfico de membresia  
Fonte: As igrejas

Observa-se que a Igreja Presbiteriana Chácara Primavera tem à frente da sua liderança o mesmo pastor desde a sua organização. Embora haja uma equipe de pastores atuando junto a igreja e, em algumas ocasiões tenha havido mudanças nesta equipe, o pastor titular permanece o mesmo. Na Igreja Presbiteriana do Brasil o pastor titular é aquele que lidera a equipe pastoral de uma igreja.

Este fato permite supor que o crescimento da igreja em número de membros tem relação com o longo período de permanência pastoral e estabilidade que esta permanência acaba estabelecendo, visto que no âmbito da Igreja Presbiteriana a figura pastoral é a maior referência de liderança no cenário comunitário, conforme mencionado anteriormente.

Em entrevista com o pastor da Igreja Presbiteriana Chácara Primavera<sup>12</sup>, Ricardo Agreste da Silva, alguns fatores foram ressaltados mediante o processo de crescimento da igreja: destacando-se primeiramente a decisão da elaboração ou do planejamento no que tange o formato dos cultos da igreja, de maneira que este traga respostas aos questionamentos presentes na vida das pessoas que ali frequentam. A ideia, segundo o pastor Ricardo, é estar sensível a realidade do mundo, de forma que a liturgia e a pregação da Bíblia sejam feitas com integridade, o que pode ser definido como fidelidade ao conteúdo bíblico e a relevância

<sup>12</sup> Conforme entrevista cedida pelo pastor Ricardo Agreste da Silva no dia 31 de outubro de 2017, quando foi autorizada a identificação da identidade do informante.



deste conteúdo ao cotidiano. Desde o início desta igreja são usados recursos de multimídia durante os cultos, os quais contribuem na exposição da Bíblia e também de vídeos. O estilo musical tem um viés contemporâneo e abasileirado. As pregações são organizadas em séries de mensagens, as quais surgem a partir de um tema, sendo apresentadas em subtemas que expõem problemas diversos da atualidade, buscando respostas bíblicas para estes. Tais pregações possuem um tom de conversa onde os conceitos são expostos sem um tom de imposição. Há ainda vídeos introdutórios a estas mensagens, ajudando a contextualizar os ouvintes acerca do tema abordado. O ambiente está mais ligado a um auditório do que a uma igreja dentro do formato conhecido.

Segundo o pastor Ricardo, um segundo elemento que contribuiu para o crescimento da igreja foi a rede de relacionamentos, visto que a comunidade conseguiu alcançar pessoas não convertidas, as quais acabaram por trazer amigos e parentes também não convertidos. Para o pastor, pessoas com longo tempo de conversão à fé cristã acabam deixando de ter relacionamentos novos, ficando ligados apenas aos demais membros da igreja onde frequentam, enquanto pessoas não convertidas ou recém-convertidas mantêm vínculos de amizade com familiares, vizinhos, amigos de trabalho etc.

Um terceiro aspecto destacado pelo pastor Ricardo no processo de crescimento foi e continua sendo a influência pastoral e a mobilização da liderança leiga da igreja em torno de uma visão, a qual pode ser denominada visão comunitária. Desde o início da Igreja Presbiteriana Chácara Primavera houve preocupação em mobilizar a liderança leiga em torno de um planejamento estratégico, treinamentos, processos de avaliação e de todos os passos que envolvem aquela comunidade. Cabe ressaltar que, dentro desta perspectiva, a comunidade passou a definir-se como uma igreja “plantadora de outras igrejas”, ou seja, a sua visão é participar constantemente de projetos de novas igrejas organizadas por todo o Brasil.

Observa-se que, assim como a Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara, a Igreja Presbiteriana Chácara Primavera também organiza suas ações em torno de planejamentos, conforme citado. Exemplo disto se deu em 2008, ocasião em que a igreja distribuiu para todos os seus membros um pequeno caderno intitulado Plano de Voo 2008 – 2012. Este material contém os planos da igreja para o período apontado em sua capa. Em sua introdução registra-se:



Esse repensar é coletivo, e tomou forma no “Plano de Voo 2008-2012”. É fruto da disposição e do trabalho dos líderes da Comunidade, que nos últimos seis meses se debruçaram sobre esse Plano, atentos ao mover do Espírito Santo e prontos a obedecer à vontade de Deus. (Plano de Voo 2008-2012, 2008, ed. Igreja Presbiteriana Chácara Primavera, p.3)

Neste mesmo material estão contidos ainda a missão, a abrangência, a visão e os valores da igreja, definindo-se posteriormente os projetos prioritários:

**SIMPLIFICAR ESTRUTURAS E ESTABELECEER SINERGIA ENTRE MINISTÉRIOS E ATIVIDADES** - Para não perdermos de vista o objetivo principal de “fazer discípulos”, nossas estruturas devem ser enxutas. Os diversos Ministérios devem ter uma atuação conjunta e coordenada, evitando a sobreposição de funções. Para isso, entendemos ser necessário: Reforçar nossos ENCONTROS DOMINICAIS como momento de celebração, adoração e ensino da Palavra. Aprofundar a atuação dos GRUPOS PEQUENOS, como espaço de comunhão, pastoreio, discipulado e aprofundamento do ensino da Palavra. Reestruturar o papel dos MINISTÉRIOS, que devem prestar serviço à missão, oferecendo suporte aos encontros dominicais e grupos pequenos.

**PLANTAÇÃO DE NOVAS IGREJAS** - Exercemos um fiel compromisso no cumprimento da grande Comissão de Cristo, através da plantação de novas igrejas na região de Campinas, no Brasil e no mundo. Desejamos que o Evangelho de Deus seja comunicado da mesma forma como acreditamos para o maior número de pessoas possível. Nosso envolvimento nesse tema se dá por quatro atitudes:

Apoio financeiro de novos projetos de plantação. Apoio na avaliação e treinamento de potenciais plantadores, em parceria com o CTPI (Centro de Treinamento para Plantadores de Igrejas). Apoio a novos projetos de plantação, estabelecendo parcerias nacionais e internacionais. Supervisão pastoral e administrativa dos projetos de plantação.

**COMUNIDADE VIRTUAL** - Com a transmissão de nossos encontros pela Internet, inúmeras pessoas têm sido atingidas pela pregação. Isso cria a necessidade de estabelecermos um efetivo relacionamento com elas, a fim de que se tornem discípulos de Cristo, amadureçam na Fé e se integrem na comunhão de uma Igreja local.

Isso implica na reestruturação de nosso site, no efetivo pastoreio dos internautas através de uma equipe específica e na identificação de outras comunidades cristãs que possam acolhê-los nas suas cidades de origem.

**FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO DE NOVOS LÍDERES** - A Comunidade cresceu, novas demandas surgiram, mas o número de pessoas envolvidas nos Ministérios e na liderança não acompanhou esse crescimento. É necessário um crescimento em quantidade e qualidade de pessoas empenhadas em servir através da liderança, colocando seus Dons a serviço da vida do outro. (Plano de Voo 2008-2012, 2008, ed. Igreja Presbiteriana Chácara Primavera, p.6-7)

Há ainda um quarto aspecto que acabou contribuindo para o crescimento da igreja em número de membros dentro do período destacado por esta pesquisa: membros de outras igrejas evangélicas acabaram migrando para a Igreja Presbiteriana Chácara Primavera. Na visão do pastor Ricardo, este processo está ligado a alguns fatos como conflitos e problemas de ordem ética em outras igrejas da cidade de Campinas, contribuindo para que algumas pessoas deixassem suas igrejas e fizessem o processo migratório. Além disso, o pastor Ricardo considera que neste mesmo período houve a chegada de outros pastores com grande



experiência na prática pastoral, os quais foram integrados à Igreja Presbiteriana Chácara Primavera. Para Agreste, a chegada destes pastores experientes contribuiu para que pessoas com longa experiência de vida eclesiástica acabassem por se identificar com uma igreja que até então era tida como inovadora.

Desta forma, fica exposto o cenário de contraste ou dissemelhança entre crescimento e declínio de quatro igrejas presbiterianas na cidade de Campinas, podendo-se observar em um gráfico a disparidade, entre estas:

	2010	2011	2012	2013	2014
<b>I.P. Campinas</b>	828	790	839	687	537
<b>I.P. Comunidade Viver</b>	240	154	162	97	127
<b>I.P. Chácara Primavera</b>	786	841	1030	1220	1553
<b>I.P. Jardim Guanabara</b>	966	1040	1057	993	1021

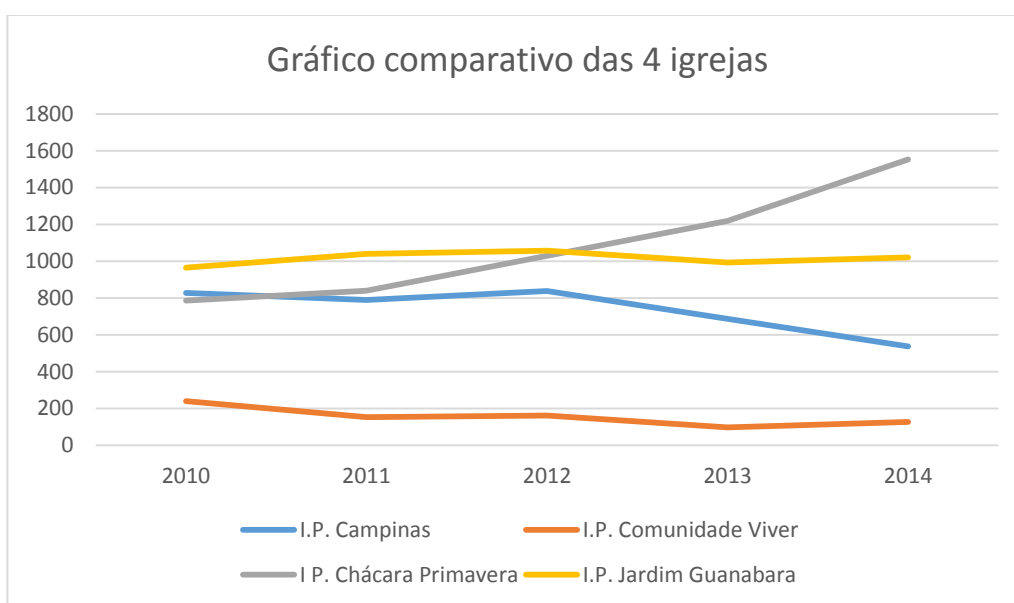


Gráfico 10: Gráfico comparativo das 4 igrejas  
Fonte: As igrejas

Percebe-se ao final deste capítulo que a Igreja Presbiteriana do Brasil, conforme já apontado, cresceu entre 1950 e 1990 na cidade de Campinas, período em que organizou 20 novas igrejas neste município e em suas cidades vizinhas. Durante este mesmo período, Campinas teve um grande crescimento demográfico. Contudo, tal realidade mudou a partir do ano 2000, visto que a cidade continuou crescendo, enquanto pelo menos duas das igrejas, as quais são alvo



desta pesquisa, fizeram a rota contrária, ou seja, decresceram. Logo, fica estabelecida a disparidade, fator cujas razões que o promovem serão analisados no próximo capítulo.



## 4. FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A EXISTÊNCIA DA DISPARIDADE

Este capítulo objetiva a realização de uma abordagem acerca da liderança de Igrejas Presbiterianas do Brasil e como este fator influencia a realidade de suas comunidades, contribuindo para o crescimento ou declínio destas. Ao longo do último capítulo houve a análise das quatro igrejas em estudo e concluímos que há indicativos de que a liderança e suas decisões contribuíram de forma clara para o crescimento de duas das igrejas pesquisadas, e para o declínio das outras duas. Para elucidar esta análise, há que se destacar o seguinte: as constantes mudanças de pastores contribuíram para o declínio, a tentativa da implantação de mudanças que promoveram conflitos e o conseqüentemente declínio de duas igrejas, sendo elas Igreja Presbiteriana de Campinas e Igreja Presbiteriana Comunidade Viver. Por outro lado, observa-se, também como exemplo, fatores como a permanência de pastores por longo prazo e a iniciativa de participar na implantação de novas igrejas, contribuindo para o processo de crescimento de outras duas igrejas, sendo elas a Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara e Igreja Presbiteriana Chácara Primavera.

### 4.1 A LIDERANÇA LOCAL DE IGREJAS PRESBITERIANAS

Antes de definir a liderança local na Igreja Presbiteriana do Brasil, é necessário definir tal expressão. A definição de liderança dada pelo dicionário<sup>13</sup> é: comando, direção, ou ainda, hegemonia. Convém fazer o uso de uma definição sobre a expressão ‘liderança’ a partir de um contexto eclesiástico e, posteriormente, observar como tal conceito é estabelecido dentro do contexto prático. Nesta perspectiva, Haggai (1990, p. 20) define liderança da seguinte forma: “A Liderança é o esforço de exercer conscientemente uma influência especial dentro de um grupo no sentido de levá-lo a atingir metas de permanente benefício que atendam às necessidades reais do grupo”

Logo, partindo do pressuposto que liderança é o ato de um indivíduo, ou ainda de um grupo de indivíduos, que tem como alvo exercer uma influência sobre outras pessoas, conduzindo-as a um objetivo que seja benéfico para todos, é pertinente observar como é formada a estrutura

---

<sup>13</sup> Disponível em <https://dicionariodoaurelio.com/lideranca>. Acesso em 05 de março de 2018.



da liderança da Igreja Presbiteriana do Brasil, e como esta exerce influência no processo de crescimento ou declínio da igreja, visto que, comumente há grandes expectativas acerca do pastor, sua experiência, carisma, planos e capacidade de condução da comunidade. Exemplo disto pode ser observado na Igreja Presbiteriana de Campinas, objeto de estudo desta pesquisa, a qual teve nove pastores à sua frente, em diferentes períodos, entre os anos 1990 a 2015, considerando que quatro destes estiveram liderando a igreja no período que compõe o recorte desta pesquisa. Para defender este conceito, interessa a abordagem de Sérgio Queiroz, registrada no livro *Igrejas que Transformam o Brasil*, onde ele apresenta detalhes de uma pesquisa envolvendo cerca de mil e quinhentas igrejas de diferentes tamanhos e denominações cristãs espalhadas pelo Brasil:

Nosso super-pastor profissional será alguém treinado em lugares exclusivos chamados seminários a fim de ganhar expertise em negócios, terapia familiar, comunicação, marketing, gestão e teologia. O pastor aprenderá como liderar equipes locais para que alcancem crescimento eclesial espetacular. (STETZER e QUEIROZ, 2017, p. 86)

Embora esse conceito também pareça estar presente dentro do presbiterianismo, conforme já mencionado, é necessário ressaltar que no sistema presbiteriano a liderança da igreja local é exercida pelo conselho, constituído de pastor ou pastores e presbíteros. Desta forma é necessário definir a expressão presbítero. Nascimento afirma:

O significado atribuído ao termo presbítero varia de acordo com a orientação teológica, o sistema de governo eclesial ou o grupo religioso a que pertence aquele que o usa. Na Igreja Católica Romana, por exemplo, o presbítero é aquele que recebe o Sacramento da Ordem em seu segundo grau (sendo o primeiro grau, o de diácono, e o terceiro grau, o de bispo). Usa o título de padre, do latim pater, que significa pai. Na Igreja Anglicana, o presbítero é um “ministro da Palavra” que, além de pregar, pode batizar e ministrar “a Santa Comunhão aos cristãos”. (NASCIMENTO, 2013, p. 21)

Segundo *Theological Dictionary of the New Testament*, a palavra presbítero, usada no Novo Testamento da Bíblia, é de origem grega, e vem da expressão **πρεσβυτερος** (presbuteros), cujo significado é ancião ou ainda avançado em dias. Tal expressão está diretamente ligada ao estilo de liderança judaico conforme o Antigo Testamento, onde tal atividade costumava ser exercida por homens mais velhos.

A Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil define o presbítero como:



Art. 50 – O presbítero regente é o representante imediato do povo, por este eleito e ordenado pelo Conselho, para, juntamente com o pastor, exercer o governo e a disciplina e zelar pelos interesses da Igreja a qual pertencer, bem como pelos de toda comunidade, quando para isso eleito ou designado. (Manual Presbiteriano. 1995).

Nascimento (2013) destaca que o Manual Presbiteriano da IPB divide o presbiterato em duas classes: primeiramente os presbíteros docentes, que são os pastores, e os presbíteros regentes, que são os oficiais eleitos pelos membros de uma igreja local, os quais integrarão o conselho daquela igreja. Tal conceito estabelece suas bases a partir de uma visão doutrinária, elucidada por teólogos ao longo da história da igreja, dentre os quais pode ser citado João Calvino que, referindo-se a passagem bíblica de 1 Timóteo 5.17, afirmou:

À luz desta passagem podemos inferir que há dois tipos de presbíteros, visto que nem todos são ordenados para a docência. O significado cristalino das palavras está no fato de que havia alguns que governam bem e de forma honrosa, no entanto não eram detentores da função pedagógica. Elegiam-se homens solícitos e bem preparados, os quais, juntamente com os pastores num concílio comum, e investidos de autoridade delegada pela igreja, se destinavam a ministrar a disciplina e a agir como censores com vistas à disciplina moral. (CALVINO. 1998, p.148)

Desta forma, a Igreja Presbiteriana do Brasil, seguindo esta mesma vertente, compreende que sua liderança é composta então pelos presbíteros docentes, os pastores, e os presbíteros regentes, os quais esta pesquisa passará a denominar unicamente como presbíteros, ou ainda presbítero, sendo importante enfatizar que estes são eleitos pelos membros da igreja local.

Tendo a expressão definida e também a função do presbítero regente junto a Igreja Presbiteriana do Brasil, é necessário perceber a importância desta figura junto à liderança da comunidade local: “Art. 8 – O governo e a administração de uma igreja local competem ao Conselho, que se compõem de pastor ou pastores e dos presbíteros.” (Manual Presbiteriano. 1995, p.11)

A seção 2<sup>a</sup> do capítulo V, Concílios, preceitua também:

Art. 75 – O conselho da igreja é o concílio que exerce jurisdição sobre uma igreja e é composto do pastor, ou pastores, e dos presbíteros.

Art. 83 – São funções privativas do conselho:

Exercer o governo espiritual e administrativo da igreja sob sua jurisdição, velando atentamente pela fé e comportamento dos crentes, de modo que não negligenciem os seus privilégios e deveres. (Manual Presbiteriano. 1995, pp.31-33)

O gráfico abaixo demonstra o estabelecimento da estrutura no âmbito da igreja local:



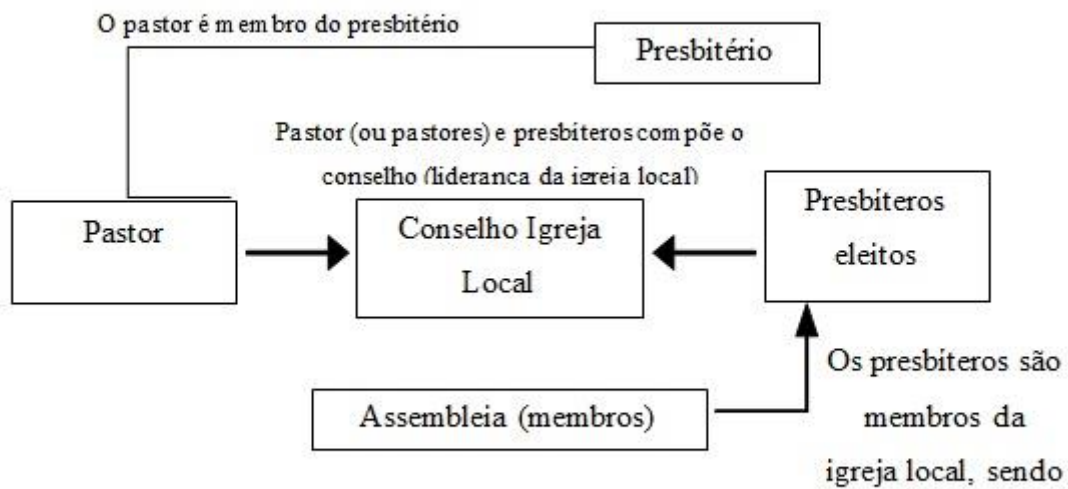


Gráfico 11: Gráfico da Estrutura da igreja Local  
 Fonte: o autor

O presbitério e o exercício do presbiterato são imprescindíveis à estrutura da Igreja Presbiteriana do Brasil, de forma que, para uma comunidade ser organizada, é necessário que sejam eleitos presbíteros, os quais governam a igreja local juntamente com o pastor, formando o conselho da igreja. Nascimento observa:

Na Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil, o presbiterato é dividido em duas classes: 1) presbíteros docentes, que são os pastores; e 2) presbíteros regentes, que são os oficiais eleitos pelos membros da uma igreja local para integrar o Conselho daquela igreja. Os presbíteros docentes “se afadigam na palavra e no ensino” (1 Timóteo 5.17), por isso deles se exigem melhor preparo e maior dedicação, mas isto não significa que eles sejam superiores aos regentes. (NASCIMENTO, 2013, p. 8)

É essencial observar que o sistema de governo na Igreja Presbiteriana do Brasil, enquanto organização eclesiástica é um sistema representativo. Na prática, pode-se afirmar que tal sistema é um meio termo entre o sistema episcopal, onde as diretrizes são definidas a partir de uma pessoa, e o sistema congregacional, onde as decisões surgem na esfera da assembleia da igreja local. No sistema episcopal o governo é exercido pelo bispo, enquanto que no sistema congregacional as decisões passam constantemente pela congregação mediante assembleias. Desta forma, no sistema presbiteriano, os membros reunidos em assembleia elegem os seus representantes, e estes, por sua vez, formam os concílios, que são assembleias formadas por pastores e presbíteros que cuidam da igreja em todos os seus níveis. Cabe ressaltar os nomes



de tais concílios em ordem crescente: conselho, presbitério, sínodo e supremo concílio. (NASCIMENTO. 1998, p.155).

O gráfico abaixo ajuda na compreensão da formação da estrutura da Igreja Presbiteriana do Brasil:

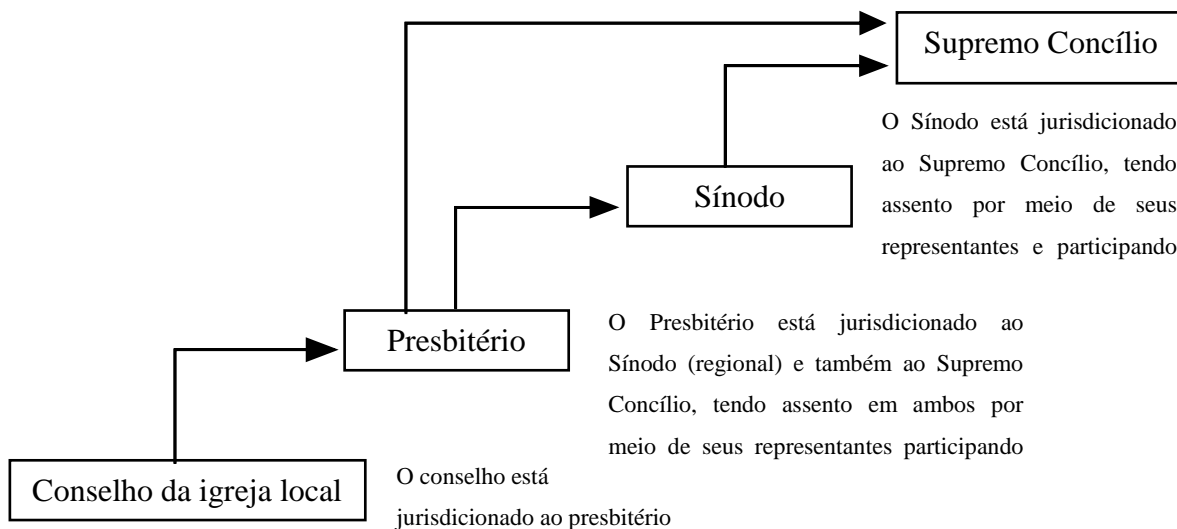


Gráfico 12: Gráfico da Estrutura da Igreja Presbiteriana no Brasil  
Fonte: o autor

Desta forma, se faz necessário uma análise teórica sobre tal cenário de liderança, assim como cabe analisar a liderança de pastores e presbíteros, sua formação, bem como os conflitos presentes entre estes que influenciam na realidade de igrejas locais e contribuem para o crescimento ou para o declínio destas, conforme o objetivo de investigação desta pesquisa.

#### 4.2 CATEGORIAS ANALÍTICAS DE LIDERANÇA

Não se pode olhar para a realidade da liderança da Igreja Presbiteriana do Brasil sem considerar as citações e análises dos teóricos que desenvolvem uma percepção sobre tal liderança a partir do poder e da dominação mediante a realidade social. Weber aponta para a “dominação” como sendo um dos elementos mais importantes da ação social, que desempenha um papel considerável, mesmo nos cenários em que não se supõe isto à primeira vista. Para ele, a dominação se baseia, sobretudo, na probabilidade de se obter obediência a um determinado mandato. (WEBER, 1995, p.128).



No pensamento de Weber, existe uma tipologia nas relações de poder, havendo três formas de dominação. Tais formas são denominadas por ele como “tipos puros de dominação legítima”: A primeira é a dominação burocrático legal, descrevendo as relações de poder mais características do Estado, da Sociedade Moderna e das corporações empresariais, onde os dirigentes são eleitos ou nomeados para exercer um cargo. Tal cargo está sujeito a regras que acabam por instituir tanto as atribuições e limites do poder estabelecido, como também as regras que estabelecerão o processo de sucessão, eleição ou nomeação. Tais regras estabelecem um caráter de dependência e não são constituídas por quem está no exercício do cargo ou função. Na visão de Campos, tal tipo ocorre no âmbito da Igreja Presbiteriana do Brasil:

Segundo terminologia weberiana, dá-se na IPB a dominação de caráter racional ou legal, pois sua legitimidade reside nas ordens estatuídas. Os detentores do poder são obedecidos não por direito próprio, mas em virtude de regras, que podem ou não ser modificadas por meio de processos previstos pelo próprio texto legal. (CAMPOS. p. 3. Disponível em: [http://www.pucsp.br/nures/revista3/3\\_edicao\\_breno.pdf](http://www.pucsp.br/nures/revista3/3_edicao_breno.pdf))

Este autor também se refere aos denominados presbíteros regentes, eleitos pela igreja, para formarem o conselho junto com o pastor. Apoiado na teoria geral do funcionamento de campos<sup>14</sup>, o autor lembra que os presbíteros são eleitos diretamente pela assembleia dos membros da igreja, tendo sua autoridade garantida por tais leis:

O Presbítero regente é o representante imediato do povo, por este eleito e ordenado pelo Conselho, para juntamente com o pastor, exercer o governo e a disciplina e zelar pelos interesses da igreja a que pertencer, bem como pelos de toda a comunidade, quando para isso eleito ou designado. (Manual Presbiteriano, Art. 50, 1995, p. 23)

A função dos presbíteros, em alguns momentos, acaba adquirindo um viés aparentemente secundário na IPB, podendo considerar como exemplo o fato de que o pastor é responsável pela celebração da ceia, enquanto que ao presbítero cabe apenas distribuí-la. Outro exemplo encontra-se registrado no Artigo 51 do Manual Presbiteriano ao afirmar que cabe ao presbítero auxiliar o pastor no trabalho de visitas. Nas ocasiões de decisões na esfera do conselho da igreja local, estas são tomadas regularmente pelos presbíteros, os quais possuem voto, enquanto o pastor preside a reunião, votando apenas nas ocasiões onde há empate de

---

<sup>14</sup> Termo usado por Pierre Bourdieu (1992) para definir um espaço social abstrato, onde, por vezes, ocorrem disputas entre os agentes daquele campo.



votos. É nesta instância que o poder burocrático pode ser percebido, visto que tal poder vem à tona a partir da eleição da assembleia, a qual lhe conferiu este poder.

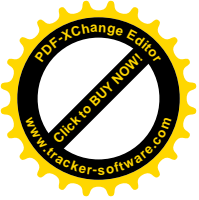
Pode-se afirmar ainda que os pastores também exercem o poder burocrático em algumas ocasiões. Exemplo disto pode ser percebido nos presbitérios, ou ainda nos concílios superiores a este, onde os pastores, assim como os presbíteros, podem ser eleitos para exercícios de cargos diversos.

A segunda é a dominação tradicional que tem como base a legitimação, onde o poder é exercido mediante as tradições e costumes, podendo ser exemplificada pela dominação patriarcal. Em ‘O conceito de dominação em Max Weber’, um estudo sobre a legitimidade do poder, Eslabão lembra que, na visão de Weber, a forma mais pura do modelo de dominação tradicional se encontra na forma Patriarcal, lembrando que na Europa este formato foi vigente por pelo menos um milênio. Esta dominação situa sua legitimidade nas noções de fidelidade, santidade da tradição e na dignidade oriunda desta. Campos faz menção a este segundo tipo de dominação, também presente na Igreja Presbiteriana do Brasil, lembrando que os homens normalmente escolhidos pela assembleia da igreja para representá-la são os que gozam de prestígio na comunidade, em virtude de sua tradição enquanto origem familiar ou mesmo *status* social.

A terceira é a dominação carismática, fundada nos atributos pessoais ou na crença em tais atributos por parte dos que se submetem ao poder do líder de determinada liderança. Weber descreve:

O poder do carisma (...) fundamenta-se na fé em revelações e heróis, na convicção emocional da importância e do valor de uma manifestação de natureza religiosa, ética, artística, científica, política ou de outra qualquer, no heroísmo da ascese, da guerra da sabedoria judicial, do dom mágico ou de outro tipo. Esta fé revoluciona os homens “de dentro para fora” e procura transformar as coisas e as ordens segundo seu querer revolucionário. (WEBER. 2004, p.327)

Neste caso a influência só é possível devido às qualidades pessoais, tais como faculdades mágicas, revelações, heroísmo, poder intelectual, oratória. Em Weber, o carisma emerge com base na relação do público com o líder carismático, compreendendo este carisma como uma qualidade percebida como extraordinária conferida a um indivíduo. A dominação, porém, só existe enquanto dura o carisma, ou seja, em havendo perda das qualidades mencionadas



anteriormente, perde-se também a dominação. Neste caso o dominador é visto pelo dominado como alguém que possui uma missão a ser executada, necessitando apenas de suas qualificações carismáticas para cumprir o propósito. Cavalcanti afirma:

Bordieu, no intuito de apontar o duplo aspecto existente na aparição da figura carismática – tomando Durkheim de empréstimo - pensa que é necessário entender este conceito de modo mais relacional. Ele se preocupa em salientar, desse modo, a necessidade de se pensar o profeta (figura carismática) tendo como foco a sua relação com os leigos (aos quais é direcionada a mensagem religiosa) (...). (CAVALCANTI, 2012, p.40)

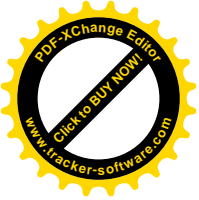
A dominação carismática pode ser percebida em casos de lideranças políticas, heróis guerreiros ou ainda líderes religiosos. No caso da IPB tal liderança parece estar diretamente atrelada à figura pastoral, o qual também tem a sua autoridade exarada no manual da igreja:

Art. 30 – O Ministro do Evangelho é o oficial consagrado pela igreja, representada no presbitério, para dedicar-se especialmente à pregação da Palavra de Deus, administrar os sacramentos, edificar os crentes e participar, com os presbíteros regentes, do governo e disciplina da comunidade.

Art. 31 – São funções privativas do ministro:

- a) Administrar os sacramentos;
- b) Invocar a bênção apostólica sobre o povo de Deus;
- c) Celebrar o casamento religioso com efeito civil;
- d) Orientar e supervisionar a liturgia na igreja de que é pastor. (Manual Presbiteriano, 1995, p.18)

Conforme o Manual Presbiteriano, pode-se afirmar que somente a figura pastoral possui atributos que lhe dão autoridade para exercer algumas funções mediante sua condição, as quais podem ser percebidas como carismáticas. Embora seja difícil fundamentar tal conceito dentro da própria Bíblia Sagrada, estabelecida pela igreja como sua única regra de fé e prática, o fato é que tais funções privativas parecem estar mais ligadas ao poder carismático atrelado a figura pastoral, do que a qualquer outro tipo de argumentação que se possa buscar. Não obstante, há de se observar ser comum o fato dos membros das igrejas locais valorizarem mais a oração feita pelo pastor, do que por qualquer outra pessoa, atribuindo a esta um poder maior junto a Deus. Outro exemplo interessante a ser observado em torno do poder carismático está na ocasião da denominada bênção apostólica que é impetrada pelo pastor. Neste momento, o pastor levanta suas mãos, estendendo-as em direção a igreja, ocasião em que é comum muitas pessoas estenderem as mãos no sentido contrário, com a palma para cima, como se das mãos do pastor saísse algum tipo de poder, o qual pode ser recebido pelos membros a partir de tal postura.



Vale considerar ainda a expressão deste poder carismático enquanto poder também ligado a oratória. Comumente, entre as igrejas presbiterianas, o pastor é mais ou menos respeitado a partir da sua capacidade de comunicação. Tal fato é tão corriqueiro que a maioria das igrejas acaba por escolher seus pastores, quando isso se faz necessário, com base na prédica realizada por estes em seus cultos dominicais.

Embora não seja comum, há ocasiões em que os presbíteros gozam tanto do poder burocrático já mencionado anteriormente, quanto do poder carismático, estando este último ligado a fatores tais como poder intelectual ou ainda excelente oratória.

Desta forma, a liderança se estabelece na Igreja Presbiteriana do Brasil a partir das relações entre pastores e presbíteros, os quais atuam dentro de um mesmo campo, no qual há a propensão para o crescimento do número de membros quando existe entendimento entre as partes, análogo ao caso das duas igrejas crescentes citadas no capítulo anterior desta pesquisa, e propensão para o decréscimo do número de membros mediante dissonâncias entre as partes, análogo ao caso das duas igrejas em declínio citadas no capítulo anterior desta pesquisa. Barros explica a visão de Bordieu sobre campo:

Na visão de Bordieu o campo é um espaço social abstrato de posições e relações onde agentes atuam buscando troféus cujo valor é restrito aquele campo, obedecendo a regras válidas somente para aquele campo, segundo estratégias que só fazem sentido naquele campo disputando um capital de reconhecimento exclusivo daquele campo. (BARROS. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Gh4GsAaDiH4>. Acesso em 29 jan. 2018).

É dentro deste campo religioso que as relações são construídas, podendo haver lutas por sua manutenção, luta pela obtenção de determinados postos, ou ainda, lutas para se alcançar aquilo que Barros chama de troféu, dentro daquele campo, o qual só possui valor no campo, onde os indivíduos têm um poder socialmente legitimado em torno do sagrado para definir quais são as regras do campo religioso e, conseqüentemente, sobre Deus. Transportando o conceito para a IPB, pode-se compreender o cenário do conselho de igrejas locais um campo, onde se encontram pastores e presbíteros, assim como o poder burocrático e o poder carismático. Embora nem sempre haja conflito, o fato é que neste campo o poder é estabelecido por meio do voto junto às diversas decisões concernentes ao próprio conselho. Logo, o que detém o voto da maioria, também detém o poder dentro do campo e, conseqüentemente, perpetuam sua liderança na igreja. De outra forma, há ocasiões em que as



decisões são tomadas em meio a conflitos, valendo o mesmo princípio de voto da maioria para que se perpetue no poder.

Ainda explicando a visão de Bordieu, Barros afirma:

A luta pela notoriedade, a luta pelo monopólio, a luta pela definição do sagrado no campo religioso surge travestida de respeito às divindades que elas mesmas fabricam. Os postos mais disputados no campo religioso quase sempre são apresentados fora do campo religioso como resultado de uma concordância, a qual na realidade esconde disputas renhidas e fratricidas. (BARROS. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Gh4GsAaDiH4>).

Tendo em vista que o campo é o lugar onde dominantes e dominados lutam pela manutenção e obtenção de determinados postos de espaço, Araújo afirma que “a estrutura do campo é como um constante jogo, no qual, cientes das regras estabelecidas, os agentes participam, disputando posições e lucros específicos.” (ARAÚJO. 2009, p.35)

Segundo Araújo (2009), em sua análise sobre Bordieu, os campos se estabelecem como resultantes de processos de diferença social, da forma de ser e do conhecimento do mundo, o que acaba se estabelecendo como base sustentadora de força entre os que participam dele e suas instituições que lutam pela hegemonia, ou seja, o monopólio da autoridade, que concebe o poder de ditar as regras e de repartir o capital específico de cada campo. Sendo assim, as divergências, conflitos e cismas no campo religioso não acontecem simplesmente por diferenças de pensamentos ou defesa da ortodoxia, mas também pela busca da tomada do poder sobre os dominados, no caso a igreja local.

Conforme já foi observado, a liderança de igrejas presbiterianas também ocorre dentro de um campo, o qual pode ser denominado conselho da igreja local, composto primordialmente por pastores e presbíteros. Estes possuem um poder legitimado pela eleição da assembleia, no caso dos presbíteros, ou ainda pela designação de um concílio superior, embora também possa ser eleito pela comunidade local, no caso do pastor. Logo, é no campo que se estabelecem acordos entre os diferentes poderes de dominação ou os conflitos entre estes.



### 4.3 A FORMAÇÃO DE PASTORES NA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL

Considerando-se que pastores e presbíteros compõem a liderança primeira no contexto a IPB, e ambos coexistem no campo denominado conselho, exercendo em diferentes momentos tanto um poder burocrático quanto carismático, é importante observar o processo de formação destes, de forma que se possa constatar como o papel exercido por pastores e presbíteros pode contribuir para a disparidade.

Na Igreja Presbiteriana do Brasil, pastores e presbíteros são estabelecidos primeiramente com base no conceito de vocação, ou seja, aquilo que a igreja compreende como chamado de Deus para o exercício do ofício tanto de pastor, quanto de presbítero. Ambos assumem o ofício junto a uma igreja sendo regularmente eleitos, ordenados ou instalados no cargo por um concílio que tenha competência e poderes para tal.

A Constituição da Igreja preceitua em seu sétimo capítulo, denominando de Ordens da Igreja, a chamada Doutrina da Vocação: “Art. 108 – Vocação para ofício na igreja, pelo Espírito Santo, mediante o testemunho interno de uma boa consciência e a aprovação do povo de Deus, por intermédio de um Concílio.” (Manual Presbiteriano. 1995)

É importante observar o artigo 109: “Ninguém poderá exercer ofício na Igreja sem que seja regularmente eleito, ordenado e instalado no cargo por um concílio competente.” (Manual Presbiteriano. 1995, p.45)

Contudo, embora pastores e presbíteros sejam estabelecidos mediante a direção de um concílio da igreja, observa-se uma diferença dentro deste processo, o qual inclui também a formação educacional, especialmente de pastores.

Na Igreja Presbiteriana do Brasil, quando alguém se sente vocacionado para ser pastor, também chamado pela igreja de Sagrado Ministério, ele precisa apresentar-se primeiramente ao conselho da igreja local, o qual é formado por pastor, ou pastores, e presbíteros, como já mencionado anteriormente. Após exame e avaliação do conselho, tal indivíduo passa a ser chamado de Aspirante ao Sagrado Ministério, ficando sob supervisão pastoral pelo período de um ano. Após este período, o Aspirante é apresentado ao Presbitério onde deverá apresentar documentos que comprovem seu vínculo com a igreja local, boa saúde física e mental:





Art. 115 – Quem se sentir chamado para o ministério da Palavra de Deus, deverá apresentar ao Presbitério os seguintes atestados:  
De ser membro de uma Igreja em plena comunhão;  
Do conselho, declarando que, no trabalho da igreja, já demonstrou vocação para o Ministério Sagrado;  
De sanidade física e mental, fornecido por profissional indicado pelo Concílio.  
(Manual Presbiteriano.1995, p.47)

Após tais documentos serem aceitos pelo presbitério, o Aspirante passará a ser denominado Candidato. O Candidato, então, é encaminhado a um dos seminários teológicos da denominação, onde deverá realizar exame vestibular para ser aceito como aluno regular do curso de bacharelado em Teologia, o qual possui uma grade curricular com carga horária mínima de 3.210 horas/aula e 214 créditos para conclusão do curso. O Regimento interno dos seminários teológicos da IPB define:

Art. 35 – As disciplinas estão divididas em duas classes:  
Disciplinas obrigatórias – compostas de disciplinas que fazem parte da grade obrigatória para todos os Seminários e perfazem o total de 186 créditos e 2790 horas/aula;  
Disciplinas eletivas – compostas das disciplinas que fazem parte da grade móvel, que poderão ser oferecidas pelos Seminários de acordo com suas possibilidades docentes e necessidades regionais, que perfazem o total de 28 créditos e 420 horas/aula. (Regimento interno dos Seminários Teológicos da IPB, 2015. p. 16)

Entre as disciplinas obrigatórias, contendo 186 créditos, podem ser encontradas matérias dentro das seguintes áreas: Cultura Geral, Teologia Sistemática, Teologia Pastoral, Teologia Exegética e Teologia Histórica. Enquanto que entre as disciplinas eletivas, contendo 128 créditos, podem ser encontradas disciplinas dentro das seguintes áreas: Cultura Geral, Teologia Pastoral, Teologia Exegética e Teologia Sistemática. Vale ressaltar que os seminários teológicos são pertencentes e estão diretamente ligados a IPB, ou seja, eles não são independentes, mas estão sob o governo da igreja. A educação teológica é resultante das decisões conciliares da IPB, em sua assembleia de representação nacional, o Supremo Concílio.

Contudo, mesmo havendo cuidado da igreja na formação teológica, enquanto treinamento, observa-se uma defasagem na qualidade de ensino e, conseqüentemente, na formação de pastores que, após o curso assumirão a liderança de igrejas locais, espalhadas pelo país. Oliveira salientou:



O período dos anos 60 a 90 do século XX, no entanto, foi marcado por um esvaziamento da dimensão qualitativa do ensino nos seminários da IPB. Quem o diz é o próprio Supremo Concílio, que declarou, em 1990, haver a percepção de uma “grande defasagem existente entre a Educação Teológica ministrada às últimas gerações e aquela de que a Igreja necessita”. (OLIVEIRA. 2002, p.45)

O Reverendo Carlos Henrique Machado, atual diretor do Seminário Presbiteriano do Sul, comentou em uma entrevista<sup>15</sup> sobre fatores que contribuíram para esta defasagem no âmbito do Seminário de Campinas. Em sua percepção, no caso do referido Seminário, um dos fatores que contribuiu foi a saída de professores com competência acadêmica, havendo uma reposição lenta no início da década de 1980, período em que o atual diretor fora aluno deste Seminário. Machado entende que a partir do final da década de 1990 este quadro começou a mudar, levando em conta a realidade do Seminário de Campinas, o qual passou a contar com professores mais qualificados com mestrado, doutorado e pós-doutorado.

Um comparativo entre a realidade educacional dos membros das igrejas presbiterianas e o perfil dos seminaristas em 2001 parece apresentar uma incongruência entre estes. Observando os padrões educacionais do Brasil, que apresentou uma evolução na década de 1990, Oliveira afirma:

Essa evolução da educação não aconteceu apenas no Brasil, fora da igreja. Também o povo de nossas igrejas está ficando cada vez mais tempo nas escolas. Sua formação cultural é cada vez mais completa e sofisticada. Esse é um movimento silencioso, que vai acontecendo sem se perceber, mas que não pode ser ignorado pelos nossos seminários. A Edição de novembro de 2001 do Brasil Presbiteriano<sup>16</sup> trouxe informações muito interessantes que revelam essa evolução nas comunidades locais da IPB: 8,2% dos jovens presbiterianos tem pós-graduação; 44% são universitários e 50% cursam o ensino médio. (OLIVEIRA. 2002, p.45)

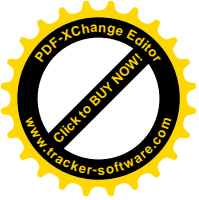
O Reverendo Honório Theodoro Neto (2001, p. 13), pastor presbiteriano, ex-secretário geral da mocidade da Igreja Presbiteriana do Brasil chegou a afirmar que “o perfil da mocidade presbiteriana hoje é de jovens acadêmicos e profissionais, de elevado nível cultural e de cabeças pensantes.”

Embora o perfil dos jovens presbiterianos dentro das igrejas revela uma evolução da educação, percebe-se que o mesmo não aconteceu no perfil dos estudantes dos seminários teológicos da IPB, dentro do período citado. Oliveira aponta:

---

<sup>15</sup> Conforme entrevista cedida pelo pastor Carlos Henrique Machado, diretor do Seminário Presbiteriano do Sul, no dia 07 de fevereiro de 2018, quando foi autorizada a identificação da identidade do informante.

<sup>16</sup> Jornal da Igreja Presbiteriana do Brasil.



O perfil médio do formando nos seminários da IPB, na atualidade, é de homem de 35 anos, casado, sem filhos, que completou o ensino médio aos 18 anos e ficou um tempo – 13 anos em média – afastado das atividades educacionais. Na média geral somente um quarto dos formandos dos seminários da IPB no período de 2000 a 2001 chegou ao curso de Teologia já tendo concluído anteriormente um outro curso superior. (OLIVEIRA. 2002, p.82)

Oliveira também traz à tona um problema sobre o perfil dos pastores, considerando o nível cultural que antecedeu a formação teológica:

A expressiva maioria dos pastores que a IPB está formando chega aos nossos seminários com um nível cultural muito inferior ao da maioria dos jovens das igrejas presbiterianas. Não obstante, são pessoas que representam um grupo em ascensão em termos educacionais. Enquanto os vestibulandos aprovados no Processo Nacional de Seleção têm ensino médio completo, seus pais, na maioria dos casos, não chegaram a concluir esse nível de ensino. . (OLIVEIRA. 2002, p.82)

Percebe-se que a pesquisa apontava para uma lacuna existente entre o perfil de pastor que os seminários teológicos da IPB procuram formar e o perfil dos jovens que estão se formando nas universidades espalhadas pelo país, os quais são membros das igrejas presbiterianas. Oliveira exemplifica isso fazendo um apontamento sobre a falta de hábito de leitura de jornais e revistas, enquanto recurso para manter-se atualizado, algo que o jovem estudante brasileiro é incentivado fazer há décadas como premissa para os exames vestibulares:

Pode-se perceber que mais da metade de nossos seminaristas não lê jornais e revistas com regularidade, mas tais alunos estão se preparando para servir a uma igreja cuja mocidade já é – em mais de dois terços – leitora assídua dos periódicos de grande circulação no país. Diante disso, os professores podem e devem criar incentivos para que os seminaristas desenvolvam os hábitos de ler as matérias dos jornais e revistas e pensar criticamente nelas. (OLIVEIRA. 2002, p.84)

Embora a igreja se preocupe com a formação teológica, os estudantes de teologia, posteriormente ordenados pastores, em sua maioria parecem estar em desconexão com a realidade que os cerca, mantendo-se focados ao campo da teologia e da realidade eclesial. Tal realidade torna-se distante do cotidiano dos membros das igrejas locais e, conseqüentemente, dos presbíteros, os quais dividem o governo da igreja com os pastores.

Na visão de Carlos Henrique Machado<sup>17</sup> grande parte dos alunos chega ao seminário teológico com um nível cultural baixo porque a qualidade do ensino do Brasil decaiu nas

---

<sup>17</sup> Conforme entrevista cedida pelo pastor Carlos Henrique Machado, diretor do Seminário Presbiteriano do Sul, no dia 07 de fevereiro de 2018, quando foi autorizada a identificação da identidade do informante.



últimas décadas. O mesmo ocorre no caso de alunos que ingressam já possuindo outra graduação, os quais, em sua maioria, possuem um nível de formação inferior a alunos que ingressavam no curso teológico entre as décadas de 1960 e 1970.

Oliveira aponta para questões envolvendo as relações de trabalho entre o estudante de teologia na IPB e as igrejas:

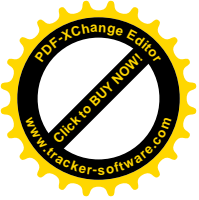
A quase totalidade de nossos estudantes, antes de ingressar no seminário, trabalha “fora” para se sustentar ou é sustentada pelos pais. Dos que trabalham antes de ingressar nos seminários, 72% dedicam mais de 20 horas semanais à sua atividade profissional. Depois que o vestibulando entra no seminário, essa realidade se inverte. Trinta e seis por cento daqueles já matriculados nos seminários não exercem qualquer atividade profissional, nem na igreja nem fora dela, e não estudam em regime de tempo integral. Não obstante isso, seus custos estão sendo inteiramente “bancados” pelos presbitérios ou igrejas. Adicionalmente, 29% dos seminaristas trabalham “profissionalmente” nas igrejas. Os restantes 35% exercem outra atividade profissional fora da igreja. Somando os 64% que trabalham (na igreja e fora dela), 50% estão dedicando menos de 20 horas semanais para o trabalho e, daqueles que trabalham para a igreja, 75% dedicam menos de 10 horas semanais. Para completar o quadro, cumpre destacar que 86% dos formandos estão saindo dos seminários já com trabalho (emprego) garantido e com um aumento em sua renda familiar entre 15% e 17%. (OLIVEIRA. 2002, pp.84-85)

Há de se considerar que dentre as diversas análises que possam ser feitas em torno da formação dos pastores da Igreja Presbiteriana do Brasil, duas merecem destaque: conforme o apontamento de Oliveira houve um percentual de pastores assumindo a liderança de diversas igrejas, os quais não trabalhavam profissionalmente, nem dentro e nem fora destas, apresentando-se inexperientes para o desempenho da função. Não obstante, é preciso observar que os seminários investem muito na formação teológica de seus alunos e pouco na formação de líderes ou em liderança<sup>18</sup>, o que também não acontece nos presbitérios, os quais são os responsáveis efetivos pela formação pastoral. No entanto, a liderança pastoral junto as Igrejas Presbiterianas passa pelo processo de gestão das igrejas e também dos conselhos, onde o pastor preside tanto as reuniões de conselho, assim como as assembleias, acompanhando ainda todo o processo de gestão da igreja em seu dia a dia.

Faz-se necessário observar que tais fatores costumam trazer prejuízos para as igrejas locais, considerando que pastores que nunca trabalharam nem exerceram atividade eclesial em seu período de formação teológica, ao assumirem tais igrejas, apresentam inexperiência e grande dificuldade para liderá-las. Nestes casos, as consequências são sofridas tanto pela igreja local, quanto pelo próprio pastor, que comumente não permanece em tal igreja.

---

<sup>18</sup> Dos 186 créditos do curso, apenas 4 estão diretamente ligados a liderança: Liderança e Gestão Eclesial.



Logo, há de se ressaltar que a formação de pastores no âmbito da Igreja Presbiteriana do Brasil apresenta não somente uma defasagem na qualidade do ensino teológico, mas também uma defasagem na capacitação, visto que o exercício da prática pastoral está além do conteúdo teológico. Não obstante, essa defasagem contribui, em médio prazo, para o declínio de igrejas, as quais são lideradas por pastores formados dentro do processo descrito até então.

#### 4.4 A FORMAÇÃO DE PRESBÍTEROS NA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL

Diferentemente dos pastores, os presbíteros na Igreja Presbiteriana do Brasil não passam por um processo de formação teológica em âmbito acadêmico. Embora, em um contexto prático, gozem do mesmo nível de autoridade que o pastor, tanto no conselho da igreja, quanto em seus concílios, os presbíteros nem sempre recebem as devidas instruções ou treinamento para o exercício de sua função, apesar de a Constituição da igreja mencionar a necessidade de instrução, antes da ordenação:

Art. 114 – Só poderá ser ordenado e instalado quem, depois de instruído, aceitar a doutrina, o governo e a disciplina da Igreja Presbiteriana do Brasil, devendo a Igreja prometer tributar-lhe honra e obediência no Senhor, segundo a Palavra de Deus e esta Constituição. (Manual Presbiteriano. 1995).

Considerando tal determinação, Nascimento (2013, p. 8) afirma: “Infelizmente, muitos ministros e Conselho não estão procedendo como determina a nossa Constituição.” Na visão de Nascimento, a escolha de presbíteros nas igrejas não tem observado o artigo 114 do Manual Presbiteriano, levando em conta que tais indivíduos só poderão ser ordenados e instalados depois de instruídos, demonstrando sua aceitação à doutrina e ao governo da igreja.

A eleição, ou a escolha de presbíteros, também chamados de oficiais na Igreja Presbiteriana do Brasil, acontece nas igrejas locais a partir do estabelecimento de uma assembleia, denominada Assembleia Geral Extraordinária, ocasião para a qual os membros são convocados ao comparecimento e participação, votando nos candidatos a eleição e posterior exercício da função: Art. 4, parágrafo 2º - A assembleia se reunirá extraordinariamente para:  
a) Eleger pastores e oficiais da igreja; (Manual Presbiteriano. 1995 p.195).



É comum que os nomes dos candidatos ao cargo de presbítero não sejam anunciados com antecedência, mas sim indicados na própria ocasião da assembleia, não possuindo costumeiramente os membros votantes critérios que efetivamente contribuam para a avaliação da formação do indivíduo em conformidade com o Artigo 114 da Constituição da igreja. Não obstante, também se faz comum, com alguns dias de antecedência, ou no próprio dia da Assembleia, o pastor da igreja passar orientações baseadas na Bíblia Sagrada, descritos em 2 Timóteo capítulo 3, versículos 1 a 7, ou ainda, em Tito capítulo 1, versículos 1 a 9.

Campos observa que o sistema de eleição não está isento de influências, e que não estão diretamente relacionadas com o que preceitua o artigo 114 da constituição da igreja, ou mesmo com as diretrizes registradas na Bíblia Sagrada:

O caso da IPB e seus presbíteros regentes (leigos eleitos) e docentes (pastores) não é mesmo o de um tipo puro de dominação: garantida a preponderância das leis estatuídas, o sistema traz em seu bojo elementos mesclados dos três tipos de dominação. A contaminação do modelo ocorre da seguinte maneira: os homens escolhidos são os que gozam de prestígio na comunidade, em virtude de sua tradição (origem familiar, status social) e carisma pessoal (dons, talentos, aptidões naturais). (CAMPOS. p. 4. Disponível em: [http://www.pucsp.br/nures/revista3/3\\_edicao\\_breno.pdf](http://www.pucsp.br/nures/revista3/3_edicao_breno.pdf). Acesso em 17 fev. 2018)

Souza ressalta que alcançar a função de presbítero, ou ser eleito para tal, acaba trazendo consigo um status para o indivíduo dentro do âmbito comunitário ou na igreja local, e até mesmo dentro da própria Igreja Presbiteriana do Brasil em seus concílios:

Outra evidência do status da posição frente ao grupo é evidenciada por ocasião das eleições internas que são bastante concorridas, envolvendo disputa pelo exercício do poder, uma vez que este é o posto de maior importância na comunidade local e oferecerá condições para galgar outros cargos nos concílios superiores. O que se verifica no processo eleitoral é que, geralmente, os não eleitos se distanciam da comunidade e de outros cargos menores, ou passam a frequentar outra comunidade visando reiniciar sua trajetória a busca do exercício do poder. (SOUZA. 1998, p.139).

Logo, observa-se que, assim como há defasagem no processo de formação de pastores, há também defasagem no processo de formação de presbíteros. Não somente isso, mas há também equívocos neste processo, considerando que a igreja objetiva o estabelecimento de líderes, a partir de um conjunto de normas sobre as quais ela mesma se estabelece ou busca estabelecer-se.



Sendo assim, é comum nos campos dos conselhos das igrejas locais tais indivíduos exercerem a função para a qual foram eleitos pela igreja com base em suas percepções, ou ainda, interesses individuais, tendo em vista que na maior parte do tempo do exercício do presbiterato estão inseridos nas reuniões administrativas dos conselhos de tais igrejas, ambiente separado e normalmente privado da realidade comunitária de tais igrejas.

Portanto, parece ficar claro que tal circunstância acaba por contribuir de forma acentuada para o processo de declínio de igrejas, tal qual esta pesquisa se propõe discutir, visto que, quando o indivíduo é instituído líder em uma comunidade, imagina-se que o mesmo irá contribuir exercendo suas atividades a partir de uma concepção que visa o bem comunitário ou a realidade eclesiástica, e não os seus possíveis interesses enquanto indivíduo.

Em um aparente tom de alerta à denominação, o atual presidente do Supremo Concílio<sup>19</sup> da Igreja Presbiteriana do Brasil, Reverendo Roberto Brasileiro, escreveu: “A nossa liderança precisa ser bem treinada e instruída para fortalecer a Igreja na sua caminhada, enfrentando os grandes desafios da pós-modernidade”. (2004, p. 31). Nascimento reitera acerca da necessidade de formação e treinamento dos presbíteros ao afirmar:

Para ser eficiente e eficaz no desempenho do presbiterato, o candidato precisa se desfazer de conceitos equivocados, assimilar as informações corretas e desenvolver novos conceitos sobre o ministério do presbítero. Este é mais um forte motivo para a formação adequada do presbítero.

O processo educativo de treinamento da liderança ainda não foi incorporado à nossa cultura eclesiástica. Enquanto as empresas investem parte significativa de seus recursos financeiros no treinamento de seus recursos humanos, a igreja continua ignorando a importância do treinamento de seus líderes.

(NASCIMENTO. 2013, p.89)

Adams contribui, com esta percepção ao reiterar a necessidade de treinar presbíteros a partir de um programa:

Com frequência, os presbíteros começam seu trabalho com grande entusiasmo e verdadeira dedicação, mas acabam arrefecendo rapidamente, pois não são chamados para fazer outra coisa senão participar de reuniões, sem jamais se envolverem com a função prática de ministrar ao seu rebanho. Além disso, mesmo quando são incentivados a fazer parte desse ministério, recebem pouca ou nenhuma orientação sobre como fazê-lo. Se recebem alguma instrução, normalmente esta se restringe às doutrinas e, talvez, ao sistema de governo da igreja, mas raramente trata dos princípios e aptidões do ministério pessoal. Ao invés de acusá-los de não realizarem

---

<sup>19</sup> Conforme o Art. 95 da Igreja Presbiteriana do Brasil, o Supremo Concílio é a assembleia de deputados eleitos pelos Presbitérios e o órgão de unidade de toda a Igreja Presbiteriana do Brasil, jurisdicionando igrejas e concílios, que mantém o mesmo governo, disciplina e padrão de vida.



esse tipo de trabalho, o pastor pode investigar o que se esperava deles anteriormente e qual era o treinamento que recebiam. Caso descubra que tanto um quanto outro eram inadequados, o mais recomendado é que crie um programa (formal ou informal) de treinamento de presbíteros. (ADAMS, 2004, p.12)

Pode-se perceber então que, enquanto a Igreja Presbiteriana do Brasil investe longo período na formação de seus pastores, embora esta formação seja deficitária no quesito liderança, como já dito nesta pesquisa, o mesmo não acontece quando se observa o processo de formação de presbíteros, também já apontado ao longo deste capítulo. Os presbíteros, via de regra, não passam por um processo de formação e nem recebem treinamento adequado, ainda que no campo da própria igreja local. No entanto, ambos, os pastores chamados presbíteros docentes, juntamente com os presbíteros, chamados de regentes, trabalham conjuntamente na liderança de igrejas locais, tomando decisões e exercendo o governo, estando sujeitos a um alinhamento que promova o crescimento (o que é menos comum) ou as inúmeras divergências que contribuem para o declínio.

#### 4.5 CONFLITOS E DISPUTAS ENTRE PASTORES E PRESBÍTEROS COMO UMA DAS CAUSAS DE DECLÍNIO

As estruturas eclesiais vivem conflitos assim como quaisquer lugares onde ocorrem as relações interpessoais e, por vezes, disputas pelo poder ou dominação do campo. As razões que geram estes conflitos são diversas, assim como a maneira de administrá-los e também os resultados destes. Naturalmente podem ser encontradas diversas definições acerca da expressão “conflito”, as quais irão variar de acordo com o tipo de abordagem. Nascimento (2013, p. 89) registra: “Conflito como o processo que começa quando uma das partes percebe que a outra parte a afetou de forma negativa, ou que irá afetar de igual forma”.

Na visão de Janzen, o conceito que cada pessoa tem de conflito está diretamente relacionado com sua experiência pessoal de como tal conflito é ou foi tratado, principalmente na sua família de origem. Ele define: “Um conflito é uma disputa que surge sempre que as ações de uma pessoa interferem nos objetivos de outra. Isto implica ainda em que, se uma parte alcança seu objetivo, é impossível à outra alcançar o seu.” (JANZEN. 2007, p.13). Poirier define





ainda o conceito de conflito, considerando-o como: “Uma diferença de opinião ou propósito que frustra as metas ou os desejos de alguém” (POIRIER. 2011, p.31)

Embora tais definições observem o conflito como uma disputa ou uma diferença de opinião, é preciso considerar que no interior dos espaços eclesiais da IPB os conflitos não se firmam apenas na discordância e frustração, mas também em embates, enfrentamentos e oposições envolvendo pastores, presbíteros e em diversas ocasiões membros da igreja. Nos cenários em que o conflito se estabelece entre presbíteros e pastor, nos arredores do conselho da igreja local, as consequências são diversas para as partes e para a igreja, no entanto, comumente os pastores são os mais prejudicados, visto que acabam por ter que deixar a igreja, em algumas situações tendo que mudar de cidade. Há de se destacar que a família do pastor acaba sendo incluída neste processo. (NASCIMENTO, 2013, p.107)

Uma pesquisa intitulada “saídas forçadas”, apresentada no site da revista *Christianity Today* afirma que os conflitos acabam por levar muitos pastores a deixarem suas igrejas, fator similarmente presente na realidade brasileira da IPB. Faz-se necessário destacar ainda que a saída nem sempre acontece pela vontade própria do pastor, mas por um processo que se assemelha a um processo de demissão, o que é denominado pela Constituição da Igreja Presbiteriana como dissolução dos laços pastorais. (POIRIER, 2011, p.11)

É relevante salientar que pastores, em especial aqueles que estão no epicentro dos conflitos eclesiais, não são treinados para lidar com isso. Poirier, ainda citando a pesquisa apresentada no site da revista *Christianity Today* registra que “As igrejas em geral, e seus líderes em particular, não estão preparados para lidar com conflitos.” (POIRIER. 2011, p.12)

Os conflitos entre pastores e presbíteros podem ocorrer por causa de uma série de razões. Entre as razões que impulsionam os conflitos, Nascimento (2013, p.100-106) afirma que os mesmos podem se originar por questões pessoais, envolvendo gosto, opinião ou ainda estilo de trabalho. Ele também destaca causas funcionais, as quais não são oriundas de questões pessoais, mas das discordâncias em torno de maneira pela qual o pastor age no exercício de suas atividades. Ele observa que alguns conflitos são resultantes de divergências doutrinárias entre presbíteros e pastores.



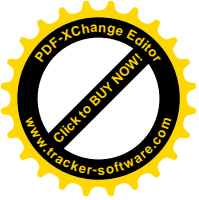
Vale ressaltar que tais disputas ocorrem no campo denominado conselho. As divergências ordinárias tais como gostos, convicções ou discordância de estilo de trabalho acabam compondo uma roupagem, a qual é uma disputa pelo poder, ou seja, o estabelecimento do poder é alcançado mediante a predominância das próprias ideias ou convicções, sendo o troféu a permanência na hegemonia à frente da igreja local e a consequente perpetuação do poder. Este parece ser o cenário de uma das igrejas estudadas nesta pesquisa, a Igreja Presbiteriana Central de Campinas, onde as constantes mudanças de pastor revelam conflitos de ordem pessoal ou ainda funcional, como citado anteriormente, os quais encerram a relação entre pastor e igreja. No entanto, pode-se pressupor uma disputa pelo poder ocorrida entre pastores e presbíteros, considerando-se que a dominação burocrática exercida pelos presbíteros manteve sua hegemonia.

Na visão de Campos, as disputas neste campo acontecem em nome de Deus, ou seja, pastores e presbíteros tem consciência própria de que representam as realidades divinas. Para elucidar o conceito, referindo-se aos presbíteros regentes, Campos afirma:

Depois de sua eleição, os presbíteros regentes entendem-se como representantes plenipotenciários de Deus, sendo que a sua vontade é também a dele. As decisões humanas passam a ser divinas. Há uma mistificação e santificação das palavras e ações humanas. (CAMPOS. p. 3. Disponível em: [http://www.pucsp.br/nures/revista3/3\\_edicao\\_breno.pdf](http://www.pucsp.br/nures/revista3/3_edicao_breno.pdf). Acesso em 17 fev. 2018)

As consequências de tais conflitos e consequentes rompimentos são também diversas. Dentre elas, pode-se destacar a saída de membros da igreja local, os quais resolvem seguir o pastor para uma nova igreja, fato também ocorrido na Igreja Presbiteriana Central de Campinas, como mencionado pelo pastor Carlos no capítulo anterior desta pesquisa. Também pode-se destacar a saída de membros da igreja local, que acabam deixando-a, migrando para outras igrejas, demonstrando assim a insatisfação de tais membros, e talvez insegurança com comunidade à qual pertenciam até então. Consequentemente, tal realidade contribui de forma acentuada para que haja o declínio da membresia, conforme gráficos que esboçam o declínio da referida igreja no capítulo anterior desta pesquisa.

Logo, pressupõe-se que, do ponto de vista sociológico, trata-se de um embate, ou uma disputa do campo que pode ser denominado igreja local, por parte dos que desejam dominá-lo. A disputa ocorre, usando a terminologia weberiana, entre aqueles que possuem a dominação



legal-burocrática, no caso os presbíteros, e aquele que possui a dominação carismática, no caso o pastor, sendo essa uma das possíveis razões do declínio.

#### 4.6 A UNIDADE ENTRE PASTORES E PRESBÍTEROS COMO FATOR CONTRIBUIDOR PARA O CRESCIMENTO

Conflitos entre pastores e presbíteros em igrejas locais no contexto da IPB parecem contribuir para o declínio destas, assim como parece ter contribuído no contexto de duas igrejas analisadas por esta pesquisa. De forma contrária, a unidade construída em torno de uma visão e uma missão entre pastores e presbíteros, parece contribuir para o crescimento de igrejas locais no contexto da IPB, assim como parece ter contribuído no contexto de duas igrejas analisadas por esta pesquisa.

É essencial que pastores e presbíteros tenham em mente a missão e a visão da igreja local que estão liderando (NASCIMENTO, 2013, p.107). Nas situações onde não há uma missão e uma visão definida da organização ou da igreja, os indivíduos que compõem a liderança, no caso pastores e presbíteros, ficam à mercê de suas percepções e concepções diferentes em torno dos mesmos assuntos, sendo o individualismo o difusor de possíveis conflitos.

De outra forma, em havendo unicidade em torno de uma visão e de uma missão, os esforços se concentram, o trabalho é conciso e focado. Costa, um dos coordenadores do planejamento estratégico da Igreja Presbiteriana do Brasil, realizado junto ao Supremo Concílio, afirma:

Os alicerces de uma organização são compostos por sua visão, missão, abrangência, princípios e valores e posicionamento estratégico. O propósito é a estrutura consistente formada por esses elementos conceituais... O propósito é o impulso, a motivação maior que fornece essa força, direcionando a organização para os caminhos que ela escolher. Sem ele, a organização fica como um barco a motor: qualquer onda ou corrente pode levá-lo para qualquer lado ou, na ausência delas, permanecerá estática. (COSTA, 2004, p.35)

Embora visão e missão sejam conceitos distintos (COSTA, 2004, p.35), tais conceitos se complementam um ao outro. Enquanto a visão busca descrever aquilo que a organização deseja ser no futuro, a missão objetiva por definir de forma clara a razão pela qual ela existe. De forma clara, ele define visão:



É um conceito operacional muito preciso que procura descrever a autoimagem da organização: como ela se vê, ou melhor, como ela gostaria de ser vista no futuro. Visão é um modelo mental, claro, de um estado ou situação altamente desejável, de uma realidade futura possível. (COSTA, 2004, p.35)

Hybels, observando um conceito de visão dentro da realidade eclesiástica afirma: “Visão é uma imagem do futuro que produz paixão.” (HYBLES, 2002, p.33). Barna, dentro de uma perspectiva pragmática do movimento crescimento de igreja, focado no contexto eclesiástico, afirma: “Ao avaliarmos igrejas que estão crescendo de modo saudável, em comparação com igrejas estagnadas ou em declínio, uma das distinções chave que vem à tona é a existência de uma verdadeira visão acerca do ministério.” (BARNA, 1995, p.49). Haggai, partindo de uma concepção mais simplificada define: “Uma visão é uma imagem clara de algo que o líder quer que o seu grupo seja ou faça.” (HAGGAI, 1990, p.31).

O compartilhamento da visão no ambiente da organização é de valia singular, visto que ela unifica forças, expectativas, estabelece direção, contribuindo para o envolvimento e o comprometimento daqueles que fazem parte dela (COSTA, 2004, p.35).

Enquanto a visão define aquilo que a organização almeja ser no futuro, assim como onde os esforços serão concentrados, a missão define a razão da existência desta. Costa afirma:

A formulação da missão pretende responder a perguntas como: qual a necessidade básica que a organização pretende suprir? Que diferença faz, para o mundo externo, ela existir ou não? Para que serve? Qual a motivação básica que inspirou seus fundadores? Por que surgiu? (COSTA, 2004, p. 36)

Campanhã (2013, p.122), a partir de uma visão eclesiástica, define missão da seguinte maneira: “A missão de uma igreja, é uma declaração geral de intenções. É algo mais filosófico do que mensurável e deve refletir objetivos ministeriais. A missão caracteriza o âmago do ministério a ser desenvolvido.”

A missão acaba por estabelecer as razões sobre as quais a organização se estabelece, assim como suas responsabilidades. Logo, se faz necessário que o enunciado em torno da missão de uma igreja responda a, pelo menos, três perguntas: por que ela existe? O que ela faz? Para quem ela o faz? (NASCIMENTO, 2013, p.90)



Conforme apresentado no capítulo anterior desta dissertação, duas das igrejas que compõem o cenário desta pesquisa, Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara e Igreja Presbiteriana Chácara Primavera, apresentaram crescimento durante o período 2010 a 2015, parecem ter uma realidade bastante diferente das outras duas: Igreja Presbiteriana de Campinas e Igreja Presbiteriana Comunidade Viver, as quais apresentaram declínio durante o mesmo período, havendo entre os fatores de distinção, uma definição de visão e de missão das duas primeiras.

A Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara define e registra a sua visão da seguinte forma:

A visão da Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara é ser uma comunidade vibrante, acolhedora, transformadora, missionária, unida e participativa, na vida e na missão da Igreja, contribuindo assim para o crescimento do Reino de Deus sobre a Terra. (Disponível em <http://ipjg.org.br/boletim/IPJG%20-%20Objetivos%20Estrategicos.pdf>. Acesso em 19 de dezembro de 2017)

A Igreja Presbiteriana Chácara Primavera define e registra a sua visão:

A Igreja Presbiteriana Chácara Primavera é uma igreja cristã de tradição reformada, plantadora de novas igrejas, atenta à cultura contemporânea e determinada a comunidade a vida em Jesus de forma criativa, acolhedora e transformadora. (Disponível em <http://www.chacaraprimavera.org.br/quem-somos/nossa-missao-e-valores>. Acesso em 19 de dezembro de 2017)

Já a Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara define e registra a sua missão da seguinte maneira:

A Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara é uma comunidade de pessoas que o amor de Deus, em Cristo, alcança e transforma. Sua Missão é adorar a Deus, testemunhando o Evangelho, fazendo discípulos de Jesus, vivendo em amor, comunhão e oração, ensinando as escrituras bíblicas, acolhendo e servindo ao próximo. (Disponível em <http://ipjg.org.br/boletim/IPJG%20-%20Objetivos%20Estrategicos.pdf>. Acesso em 14 de fevereiro de 2018).

A Igreja Presbiteriana Chácara Primavera também define e registra a sua missão:

A Igreja Presbiteriana Chácara Primavera será referência no movimento de igrejas urbanas caracterizadas pela integridade no ensino e prática da Bíblia, pela relevância em relação à cultura contemporânea e pelo comprometimento com a plantação de novas igrejas. (Disponível em <http://www.chacaraprimavera.org.br/quem-somos/nossa-missao-e-valores>. Acesso em 14 de fevereiro de 2018).

Estando explicitadas a visão e a missão das igrejas presbiterianas em Campinas que apresentaram crescimento dentro do período analisado por esta pesquisa, percebe-se que tanto



uma quanto outra se mantiveram focadas em sua visão e missão, o que parece ter reduzido circunstâncias de conflitos e, ao mesmo tempo, unido forças para alcançar o que foi proposto por cada uma individualmente. Este fator parece ter contribuído como consequência de crescimento. É preciso salientar que, enquanto os conflitos nas igrejas que apresentaram declínio contribuíram para um cenário de instabilidade, insegurança e contínuas trocas de pastores, algo que culmina em desgastes, visto ser esta uma figura chave na IPB, a unicidade em torno da visão e da missão contribuíram para a estabilidade e também alinhamento da liderança das igrejas que se desenvolveram entre os anos 2010 e 2015, sendo fator comprobatório não somente o crescimento do número de membros, mas também a permanência dos pastores destas igrejas por longo período a frente destas.

Exemplo da relação entre a visão e a unidade no contexto da liderança como fator de estabilidade, de concentração de esforços, promovendo o desenvolvimento numérico de membros como consequência, pode ser percebido no caso da Igreja Presbiteriana Chácara Primavera, que afirma em sua visão ser uma igreja plantadora de igrejas, conceito junto ao qual envidou seus esforços para a organização de duas novas igrejas no ano de 2012, sendo elas: Igreja Presbiteriana de Jaguariúna e Igreja Presbiteriana de Vinhedo, conforme diagrama das igrejas presbiterianas em Campinas e região, apresentado no capítulo 2.

Ainda como exemplo da relação entre a visão e unidade no contexto da liderança como fator de estabilidade, concentração de esforços, promovendo o desenvolvimento numérico de membros como consequência pode ser percebido no caso da Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara, que afirma em sua visão ser uma igreja missionária<sup>20</sup>, conceito junto ao qual aplica esforços financeiros contribuindo atualmente no sustento de quatro missionários<sup>21</sup>. Também se pode observar, conforme registrado no capítulo três desta pesquisa, a mesma preocupação e consequentes esforços junto ao conceito de ser uma igreja missionária em atividades promovidas no espaço físico da própria igreja, tais como o artesanato semanal envolvendo aproximadamente duzentas mulheres, dentre as quais a grande maioria não pertence ao rol de membros da igreja.

No entendimento de Schwarz (2010, p.118), ao falar sobre o desenvolvimento natural da igreja, pesquisando mais de 50.000 igrejas em 70 países, considera que planejar os passos que

---

<sup>20</sup> Pode-se definir missionária como ação proselitista.

<sup>21</sup> Boletim dominical da Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara, edição 2974, 10 de dezembro de 2017.



devem ser dados por uma igreja direciona o foco para as áreas que mais precisam de atenção. Em suas ponderações sobre o assunto, estabelece como algo de grande importância a definição de metas qualitativas para o desenvolvimento futuro da igreja, assim como a remoção de obstáculos, incluindo aqueles que atrapalhem alcançar as metas estabelecidas.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esta pesquisa havia, enquanto hipótese, sustentar que a disparidade entre crescimento e declínio de igrejas presbiterianas na cidade de Campinas, dentro do período 2010 a 2015, estavam diretamente relacionados à estratégias ou à falta destas, considerando que a Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara e também da Igreja Presbiteriana Chácara Primavera tivessem obtido crescimento em função de estratégias de crescimento, enquanto que a Igreja Presbiteriana de Campinas e a Igreja Presbiteriana Comunidade Viver tivessem vivido o declínio mediante a ausência de estratégias. Por esta razão, pareceu importante em um primeiro momento trazer à tona a história da chegada do presbiterianismo ao Brasil, seu desenvolvimento e posterior chegada deste à cidade de Campinas por meio de missionários do sul dos Estados Unidos.

Há de se considerar que o presbiterianismo chegou a Campinas em período propício para sua expansão, levando em conta que a cidade ainda estava em processo de formação. De fato, a denominação conseguiu estabelecer suas raízes na cidade, bem como conseguiu expandir-se em algumas cidades ao redor. Contudo, apesar do período propício e também do trabalho realizado pelos missionários, o que promoveu resultados satisfatórios, é preciso observar que o presbiterianismo passou por três situações drásticas em Campinas, entre elas a febre amarela de 1880, a febre amarela de 1892 e a cisão de 1903, as quais que promoveram grandes prejuízos. A febre amarela vitimou muitos missionários, assim como uma parcela significativa da população da cidade. Já a cisão ocorrida no seio da IPB em 1903 promoveu um resultado negativo para a denominação em Campinas, ocasião em que a Igreja Presbiteriana de Campinas praticamente deixou de existir, ficando com um pequeno rol de sete membros<sup>22</sup>, nesta ocasião o templo da igreja passou a pertencer ao grupo dissidente, o qual passou a fazer parte da Igreja Presbiteriana Independente. Desta maneira, mesmo enfrentando tais dificuldades, a denominação religiosa conseguiu enraizar-se em Campinas, experimentando um período importante de crescimento na segunda metade do século passado, acompanhando o desenvolvimento demográfico da cidade, embora, naturalmente, em proporções muito inferiores a esta.

---

<sup>22</sup> Revista Comemorativa Caminho do 1º Centenário da IPCAMP, edição especial comemoração de aniversário, 1993, p.7.





No terceiro capítulo desta pesquisa objetivou-se expor a disparidade do crescimento da Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara e da Igreja Presbiteriana Chácara Primavera, mediante o declínio na membresia da Igreja Presbiteriana de Campinas e da Igreja Presbiteriana Comunidade Viver, dentro do período 2010 a 2015.

Para tal comparativo, fora importante primeiramente apontar o desenvolvimento demográfico e econômico da cidade de Campinas, objetivando promover contextualização, assim como a história desta. Campinas passou por um crescimento acelerado após 1940, levando em conta que os percentuais demográficos das décadas seguintes são elevados, passando de 129.000 habitantes para quase 1.000.000 em aproximadamente cinquenta anos. Um crescimento desta magnitude em um período de cinco décadas naturalmente esbarrou na falta de infraestrutura por um lado, enquanto que por outro atraiu o setor industrial e comercial.

Paralelamente a tal realidade, o que se pode constatar é que a Igreja Presbiteriana do Brasil cresceu numericamente durante este período. Contudo, apesar da IPB ter sido a maior denominação evangélica da cidade em 1952, ocasião em que chegou a contar com 415 membros, e apesar ainda de ter desfrutado de um crescimento em seu número de membros nas décadas seguintes, gerando treze novas igrejas na cidade conforme registrado no capítulo 3, a realidade incontestável é que tal crescimento ficou muito aquém do ocorrido no município, levando em conta o surgimento de inúmeros bairros e o consequente crescimento demográfico. A realidade da IPB acaba não refletindo a realidade das denominações evangélicas em Campinas, se considerarmos que este público compunha em 2010 um total de 25% da população, indicando crescimento deste quando comparado com percentuais anteriores.

Desta maneira, a disparidade entre as quatro igrejas está aparentemente atrelada em algumas ocasiões ao crescimento da cidade, sendo que duas das igrejas pesquisadas parecem ter observado este crescimento de forma diligente, enquanto as outras duas deixaram de fazê-lo, esmerando-se na busca de soluções de crises e conflitos internos. Exemplo disto pode ser observado ao comparar-se a Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara e a Igreja Presbiteriana Comunidade Viver, enquanto a primeira identificou a transformação do bairro residencial em uma realidade comercial, passando a mover-se para alcançar novos membros além dos seus arredores, a segunda viu o número de habitantes do bairro crescer de forma abrupta, porém, neste período estava focada em administrar seus problemas internos, sendo um deles a escolha



de um novo pastor. Faz-se necessário observar novamente que as igrejas que apresentaram declínio em sua membresia mudaram de pastor diversas vezes, caracterizando uma expectativa de alterar o cenário vivenciado a partir do indivíduo, ação que se mostrou ineficiente dado a continuidade do declínio.

Ao longo da pesquisa, após praticamente doze meses de investigação sistemática por meio de pesquisa bibliográfica, entrevistas de campo e acessos a diversos dados estatísticos das igrejas, foi possível ir adquirindo uma percepção diferente, onde o principal fator, enquanto maior influenciador da disparidade é a liderança das comunidades locais, formada por pastores e presbíteros.

O último capítulo se propôs abordar fatores que tenham contribuído para a disparidade entre as quatro igrejas alvos desta pesquisa. Observando-se em um primeiro momento a deficiência no processo de formação de líderes - pastores e presbíteros. Os pastores recebem formação teológica, no entanto quando assumem o pastoreio de uma comunidade local, muitos destes apresentam dificuldade em liderar, administrar e até mesmo se relacionar com outros líderes, o que essencialmente acontecerá no campo do conselho da igreja local. Os presbíteros por sua vez, na maioria dos casos, embora tenham um poder legitimado pela assembleia dos membros, não são treinados e nem recebem qualquer tipo de formação para o exercício da função junto à igreja e também no próprio âmbito do conselho local. Via de regra, as consequências da união entre pastores, normalmente fundamentados no poder carismático, e presbíteros, normalmente fundamentados no poder burocrático, ambos sem o devido preparo para a liderança de uma comunidade local, desemboca em conflitos de interesses e prejuízos para a igreja local. Neste instante se faz necessário aplicar o conceito de campo de Pierre Bourdieu, considerando o campo como um espaço social abstrato onde os agentes que participam dele buscam manter-se no campo mediante a conquista de troféu, o qual, de certa forma, os mantém na hegemonia do referido campo.

Por outro lado, as igrejas que apresentaram crescimento em seu número de membros, parecem ter conseguido um equilíbrio em um ponto crucial da igreja, o campo denominado conselho. O alinhamento entre pastores e presbíteros em torno de uma visão e de uma missão acaba por estabelecer uma direção clara para onde seguir, diminuindo drasticamente os conflitos dentro do campo, assim como a busca da perpetuação na liderança mediante a imposição de um poder, seja ele carismático ou burocrático. Embora tanto o poder carismático quanto o



burocrático estejam presentes nas realidades da Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara e da Igreja Presbiteriana Chácara Primavera, o que se observa é um equilíbrio entre estes, levando em conta que diretrizes previamente definidas, as quais podem ser chamadas de planejamento, amenizam de forma acentuada os conflitos, contribuindo para o crescimento numérico da igreja local.

A impressão pessoal deste pesquisador ao final da investigação proposta é que a IPB vive uma realidade de contrastes severamente acentuados depois de cento e cinquenta e nove anos de história no cenário brasileiro. Embora não se admita isso, algumas igrejas estão caminhando em direção a morte, assim como ocorrido em países europeus e também nos Estados Unidos. O declínio numérico, praticamente irreversível, tem feito com que algumas destas comunidades voltem à condição de congregação, ou seja, elas perdem a sua autonomia e independência, tornando-se dependentes de uma igreja maior ou de um presbitério. É relevante a consideração de que este tipo de fato não desemboca em estatística no cenário nacional da denominação religiosa. Por outro lado, há igrejas que tem buscando responder de forma acurada às questões da pós-modernidade, bem como tem apresentado bases sólidas que contribuem não somente em sua manutenção, mas também para o seu crescimento numérico. Esta segunda categoria de igreja, embora não em sua totalidade, tem exercido influência abrupta sobre outras igrejas menores, de várias formas, dentro e fora da denominação religiosa. Desta forma, parece salutar a realização de novas investigações acadêmicas em torno da temática, envolvendo novas abordagens, visto que tais contrastes merecem atenção neste âmbito religioso.



## REFERÊNCIAS

ADAMS, Jay E. **O envolvimento dos presbíteros no pastoreio do rebanho**. Servos ordenados 3. São Paulo: Editora Cultura Cristã, out-dez/2004.

AMARAL, Leopoldo. **Campinas: Recordações. Sessão de Obras do Estado de São Paulo**. 1927.

ARAÚJO, F.M. de B.; Alves, E.M.; Cruz, M.P. **Algumas reflexões em torno dos conceitos de campo e de habitus na obra de Pierre Bordieu**. In: Revista Perspectivas da Ciência e Tecnologia v.1, n.1. Nilópolis: Centro Federal de Educação Tecnológica de Química. Jan-Jun 2009.

BARNA, George, **O poder da visão**. São Paulo: Abba Press, 1995

BARROS Filho, Clóvis. **Capital Social, Acadêmico e Religioso**. 09 dez. 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Gh4GsAaDiH4>. Acesso em 29 jan. 2018.

BRASILEIRO, Roberto. **O cuidado com o Rebanho de Deus**. Servos Ordenados 1. São Paulo: Editora Cultura Cristã. Abr-jun/2004.

CALVINO, João. **As Pastorais**. São Paulo: Edições Paracletos, 1998.

CAMPANHÃ, Josué. **Planejamento estratégico para igrejas**: como assegurar a qualidade no crescimento de ministérios eclesiais. São Paulo, Editora Hagnos, 2013.

CAMPOS, Breno Martins. **Anatomia do Poder Religioso: um estudo do campo protestante brasileiro**. São Paulo: Mackenzie. Disponível em [http://www.pucsp.br/nures/revista3/3\\_edicao\\_breno.pdf](http://www.pucsp.br/nures/revista3/3_edicao_breno.pdf). Acesso em 17 fev. 2018.

CAVALCANTI, Vinicius Manrique. **Bordieu leitor de Weber**: pistas para uma gênese do conceito de campo. In: Revista Caderno de Ciências Sociais da UFRPE. Jul-dez.2012. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/cadernosdecienciasocias/article/view/231/202>. Acesso em 28 jan.2018.

COSTA, Eliezer Arantes da. **Gestão Estratégica**. São Paulo: Saraiva, 2004.

ESLABÃO, Daniel da Rosa. **O Conceito de Dominação em Max Weber: Um estudo sobre a Legitimidade do Poder**. Disponível em: <http://www.cifmp.ufpel.edu.br/anais/2/cdrom/mesas/mesa5/04.pdf>. Acesso em 17 de fevereiro de 2018.

FERREIRA, Julio Andrade. **História da Igreja Presbiteriana do Brasil**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992.

\_\_\_\_\_. **Monografia Histórica de Campinas**. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Rio de Janeiro, 1952.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 1990.



HAGGAI, John Edmund. **Seja um líder de verdade**: liderança que permanece para um mundo em transformação. Belo Horizonte: Betânia, 1990.

HYBELS, Bill. **Liderança Corajosa**. São Paulo: Editora Vida, 2002.

JANZEN, Ernst Werner. **Conflitos: oportunidade ou perigo?** Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2007.

**Manual Presbiteriano**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1995.

MATOS, Alderi S. **Os Pioneiros, Presbiterianos do Brasil (1859 – 1900)**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O Celeste Porvir, inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1995.

NASCIMENTO, Adão Carlos. **Paz nas estrelas: relacionamentos saudáveis entre pastores e presbíteros**. Santa Barbara d'Oeste: Z3 Editora, 2013.

\_\_\_\_\_. **A Bíblia é a nossa testemunha**. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.

NETO, Honório Theodoro. **Brasil Presbiteriano**. São Paulo: SECEP, 2001.

OLIVEIRA, Marcos Cavalcante de; HACK, Osvaldo Henrique. **Educação Teológica Presbiteriana: Diretrizes e Propostas**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.

**Plano de Voo 2008-2012**. Campinas: ed. Igreja Presbiteriana Chácara Primavera, 2008.

POIRIER, Alfred. **O pastor pacificador: um guia bíblico para a solução de conflitos na igreja**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

Regimento interno dos Seminários Teológicos da IPB. In: **Conteúdo Programático Curricular do Curso de Bacharelado e Teologia dos Seminários Teológicos da Igreja Presbiteriana do Brasil**. São Paulo: Junta de Educação Teológica, 2015.

REVISTA **A Caminho do 1º Centenário da IPCAMP**. Edição especial comemoração de aniversário. Ed. Igreja Presbiteriana de Campinas, 1993.

RIBEIRO, Lídice Meyer Pinto. **Protestantismo Rural, magia e religião convivendo pela fé**. São Paulo: Reflexão, 2014.

SCHWARZ, Christian A. **O Desenvolvimento Natural da Igreja, um guia prático para as oito marcas de qualidade essenciais das igrejas saudáveis**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2010.

SOBRINHO, P. Quércia. **Monografia Histórica de Campinas**. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Rio de Janeiro, 1952.

SOUZA, Wilson Emerich de. **Pastores em crise: o conflito da identidade social do pastor presbiteriano**. São Bernardo do Campo: UMESP, 1998.



STETZER, Ed; QUEIROZ, Sérgio. **Igrejas que transformam o Brasil**: sinais de um movimento revolucionário e inspirador. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Schwarcz, 2007.

\_\_\_\_\_. **Economia e sociedade, fundamentos da sociologia compreensiva**. vol. 2. São Paulo: UNB, 2004.

\_\_\_\_\_. **Metodologia das Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

<http://www.campinas.sp.gov.br/sobre-campinas/campinas.php>. Acesso em 17 de outubro de 2017.

<http://www.cidadao.sp.gov.br/link/?serv=668>. Acesso em 13 de dezembro de 2017.

<http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/dados-do-municipio/rmc/>. Acesso em 13 de dezembro de 2017.

<http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/publicacoes/planodiretor2006/mapas/mapa5.jpg>. Acesso em 17 de outubro de 2017.

[http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/publicacoes/crescimento\\_populacional\\_todos\\_censos.php](http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/publicacoes/crescimento_populacional_todos_censos.php) Acesso em 18 de outubro de 2017.

<http://www.dci.com.br/cidades/populacao-de-campinas-esta-entre-as-15-maiores-do-brasil,-segundo-ibge-id265470.html>. Acesso em 24 de outubro de 2017.

<http://www.portalcampinas.com.br/2017/04/regiao-de-campinas-tera-o-maior-crescimento-populacional-do-estado-ate-2050/>. Acesso em 30 de outubro de 2017.

<http://www.perfil.seade.gov.br/> Acesso em 06 de novembro de 2017.

[https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2015/estimativa\\_dou.shtm](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2015/estimativa_dou.shtm). Acesso em 06 de novembro de 2017.

<http://www.perfil.seade.gov.br/>. Acesso em 13 de novembro de 2017.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/campinas/panorama>. Acesso em 20 de novembro de 2017.

[http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/publicacoes/populacao\\_residente\\_por\\_sexo\\_situacao.php](http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/publicacoes/populacao_residente_por_sexo_situacao.php). Acesso em 20 de novembro de 2017.

<http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/dados-do-municipio/cidade/>. Acesso em 27 de novembro de 2017.

<http://www.chacaraprimavera.org.br/quem-somos/historia>. Acesso em 04 de dezembro de 2017.

[http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/publicacoes/populacao\\_residente\\_a\\_r.php](http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/publicacoes/populacao_residente_a_r.php). Acesso em 04 de dezembro de 2017.



<http://ipjg.org.br/boletim/IPJG%20-%20Objetivos%20Estrategicos.pdf>. Acesso em 19 de dezembro de 2017.

<https://dicionariodoaurelio.com/lideranca>. Acesso em 05 de março de 2018.

<http://www.chacaraprimavera.org.br/quem-somos/nossa-missao-e-valores>. Acesso em 14 de fevereiro de 2018.

<http://ipjg.org.br/boletim/IPJG%20-%20Objetivos%20Estrategicos.pdf>. Acesso em 14 de fevereiro de 2018.



## ANEXO I

*Sen. Emilio Holgu.*

1924

13 de Julho

N.º 23

# A SCINTILLA

Redacção e administração : Gotthilf Sihler, Campinas, Rua José de Alencar 72



Ha um anno parecia impossivel emprehendermos uma obra de tanto vulto como a da construcção de um templo. Emprehendemol-a e graças a Deus, vão bem adeantados os serviços. Ha cerca de tres mezes o templo era o que o nosso cliché representa. Hoje está com

a torre quasi prompta. Deus tem nos auxiliado immensamente na erecção de um edificio digno do culto, dando-nos recursos de onde nunca os esperavamos receber.

Essa obra é, porem, apenas uma parte do que devemos realizar para ter uma igreja forte. Juntamente





## ANEXO II

Pastores que lideraram a Igreja Presbiteriana de Campinas entre 1903 a 2018:

<b>Período</b>	<b>Pastor Titular</b>
1903 - 1904	Flamínio Rodrigues
1905 - 1908	Herculano Gouveia
1909 - 1912	Zacarias de Miranda
1912 - 1914	Henrique Vogel
1914 - 1915	Galdino Moreira
1916	Erasmus Braga
1917 - 1925	Miguel Rizzo
1926 - 1941	José Borges dos Santos Junior
1942	Teodomiro Emerick
1943	Ernesto Alves Filho
1944 - 1958	Américo Justiniano Ribeiro
1958 - 1959	Marcelino Pires de Carvalho
1960 - 1964	Nathanael de Almeida Leitão
1964 - 1965	Osmundo Afonso Miranda
1966 - 1967	Odayr Olivetti
1968 - 1990	Carlos Aranha Neto
1991	Odayr Olivetti
1992 - 1997	Wilson Emerick de Souza
1998 - 2003	Ricardo Soares Mattos
2004 - 2006	Adão Carlos Nascimento
2007 - 2010	Jonathas Alves de Oliveira
2011 - 2012	Wilson Emerick de Souza
2013 - 2014	Geovane Vieira Porto
2015 - 2018	Carlos Eduardo Aranha Neto